

Os fundos bibliográficos do mosteiro do Santo Spirito, da Ordem de Santo Agostinho (OSA) na cidade de Florença, em 1450: conteúdos, pressupostos autorais e sobrevivência de códices autógrafos

POR

MANUEL CADAFAZ DE MATOS*

Fondos bibliográficos de la *Parva Libraria* del convento agustiniانو de Santo Spirito de Florencia, biblioteca que ya en 1375 poseía 107 códices. Biblioteca con interesantes fondos de teología, pero también de filosofía, filología y ciencias. Entre los códices más interesantes los autógrafos de G. Boccaccio.

Bibliographic funds of the *Parva Libraria* of the Augustinian convent of Santo Spirito in Florence, library that already in 1375 had 107 codices. Library of interesting theology, but also philosophy, philology and science funds. Among the most interesting codices the autographs of G. Boccaccio.

In memoriam Prof. Jacques Le Goff
(Toulon, 1 de Janeiro de 1924;
Paris, 1 de Abril de 2014)

Ao longo dos últimos vinte e cinco anos, para além dos estudos que temos votado à Companhia de Jesus e à Ordem dos Frades Menores, dedi-

* Academia Portuguesa da História e CEHLE.

cámos também alguns à Ordem de Santo Agostinho. Foi o caso de trabalhos que produzimos sobre o seiscentista Frei Vicente de Santo António¹, à sua epistolografia e ao fim trágico que teve a sua missionação no Japão, bem como a outros evangelizadores que trabalharam, ao longo da Idade Moderna, em terras do Padroado Português do Oriente.

1- Apresentação da temática proposta e aspectos metodológicos

No presente estudo tomamos como referência a Ordem de Santo Agostinho, neste caso, na cidade de Florença em fins da Idade Média. Os seus religiosos, que se encontravam aí estabelecidos, no Mosteiro do Santo Spirito, eram também homens de uma significativa cultura e possuíam aí –no mosteiro que veio a conhecer algumas remodelações– uma bem conhecida biblioteca², cuja inventariação ocorreu em Agosto de 1450, de que subsiste o respectivo original na Bibliotheca Medicea Laurenziana (códice *Ashburnham*, 1897, fls. 37 v. e sgts.).



Mosteiro do Santo Spirito, em Florença

¹ CADAFAZ DE MATOS, Manuel, *Frei Vicente de Santo António, OSA, uma nova edição das suas cartas*, in *Archivo Agustiniano* 85 (2001) 343-358.

² A esta biblioteca votaram, ao longo das últimas décadas, os seus estudos, credenciados investigadores: GUTIÉRREZ, David, *La biblioteca di Santo Spirito in Firenze nella metà del secolo XV*, in *Analecta Augustiniana* 33 (1962) 6-24; MAZZA, A., *L'Inventario della 'Parva libraria di Santo Spirito e la biblioteca del Boccaccio*, in *Italia Moedievale e Umanistica*, IX, 1966, 1-74; e DE ROBERTIS, Teresa, *L'inventario della parva libraria di Santo Spirito*, in catálogo *Boccaccio Autore e Copista*, Mandragora, Florença 2013, doravante referenciado pela sigla *Boc.AC*, pp. 405-411.

Afigura-se-nos como deveras significativo que o período que antecede a preparação deste inventário bibliográfico do mosteiro de Santo Spírito, corresponde, numa primeira fase, à da vivência religiosa e intelectual de alguns portugueses no período medieval, tanto nesta histórica urbe, como em outras cidades italianas ou, ainda, na sede do Papado, seja no estado do Vaticano seja cidade do Arno, por exemplo, mais precisamente na Badia local, o Abade D. Gomes deixara, pouco antes, o testemunho da sua acção entre 1418 e c. 1440³. Não muito longe dali, em Bolonha, no Colégio de S. Clemente, c. de duas décadas depois, figuras como D. Lobo da Guarda também se distinguiu(m) na direcção desta outra instituição⁴.

A importância deste inventário fiorentino de 1450 –portanto de um período em que intelectuais portugueses como os referidos já desenvolviam honrosa actividade em instituições italianas– advém, sobretudo, de uma valiosa achega para o conhecimento dos autores, da História Clássica, por um lado, mas também da História Medieval, no contexto da História da Leitura. Ele permite aquilatar, por exemplo em relação a esse segundo período, quais os autores que mais eram apreciados e lidos num contexto monástico, desde a Filosofia, à Teologia, à Literatura e até mesmo à Ciência.

Quanto aos códices autógrafos medievais até então (1450) incorporados até então nessa biblioteca, o seu estudo não dispensa, naturalmente, algumas reflexões, em termos de enquadramento heurístico, de algumas obras de charneira nesta matéria.

Para a edição do aludido inventário fiorentino do “Quattrocento”, impunha-se-nos, já se vê, uma metodologia segura e habitualmente seguida neste âmbito. Importa tomar primeiramente em linha de conta dos trabalhos de credenciados bibliógrafos e estudiosos da História da Leitura e da produção do texto medieval, sobretudo italianos e franceses, que nos precederam nesta temática, por via de trabalhos de bibliógrafos como Ch. Bec⁵,

³ NUNES, Eduardo, *Dom Frei Gomes*, I, Braga 1963; MATOS REIS, António, *O Claustro da Badia de Florença*, in *Estudos de Homenagem ao Prof. Doutor José Amadeu Coelho Dias (por ocasião da sua jubilação)*, I, Faculdade de Letras, Porto 2006, 141-158. Assinale-se que D. Frei Gomes tinha sido enviado para Florença, em 1414, tendo-se destacado à frente da Badia, daquela cidade, durante uma parte significativa da primeira metade do período quatrocentista.

⁴ SOUSA COSTA, A. D. de, *Portugueses no Colégio de S. Clemente e Universidade de Bolonha durante o Século XV*, Publicaciones del Real Colegio de España, Bolonha 1990, 113-134.

⁵ BEC, Ch., *Les livres des florentis (1413-1608)*, Florença 1984.

Donatella Nebbiai dalla Guarda⁶, Giuseppe Lombardi⁷, Giovanni Ciappelli⁸, ou R. Blum⁹.

As edições primaciais de Gutiérrez e de A. Mazza constituíram, para nós, pilares fundamentais na organização do nosso presente estudo sobre o aludido inventário de 1450, de cerca de quatro décadas antes de chegarem a terras transalpinas os primeiros conjuntos de livros – e nalguns casos mesmo, de bibliotecas – de que eram proprietárias famílias de judeus ali chegados, expulsos de Portugal em 1492¹⁰. Impunha-se seguirmos aqui, quanto aos aspectos editoriais do referido inventário quatrocentista, a metodologia filiada na preconizada por estes outros investigadores italianos e franceses.

Optámos ainda por seguir, para além daqueles, o mesmo critério que o P. Pierre Humbertclaude, S.M., então estabelecido em Tóquio, seguiu em fins dos anos 30, na produção do seu trabalho em torno do inventário da biblioteca da *Procuradoria do Japão* em Macau, no primeiro quartel do século XVII¹¹, identificando primeiramente uma determinada obra e, logo de se-

⁶ NEBBIAI DALLA GUARDA, Donatella, *I Documenti per la Storia delle Biblioteche Medievali (Secolo IX-XV)*, Jouvence, Roma 1992; *Bibliothèques ecclésiastiques au temps de la papauté d'Avignon. Tom. I-1. Inventaires de bibliothèques et mentions de livres dans les archives du Vatican (1287-1420): répertoire*, ainda sob a direcção de Donatella Nebbiai, na colecção ant. cit.; ID.-LOMBARDI, Giuseppe, *Libri, lettori e biblioteche dell'Italia medievale (secoli IX-XV). Fonti, testi, utilizzazione del libero / Livres, lecteurs et bibliothèques de l'Italie médiévale (IXe.-XVe. Siècles). Sources, textes et usages*, Istituto Centrale per il Catalogo Unico delle Biblioteche Italiane / Institut de Recherche et d'Histoire des Textes, CNRS Éditions, Roma, ICCU-Paris 2000. (Mesa redonda, na especialidade, realizada em Roma em 7 e 8 de Março de 1997).

⁷ Ver nota anterior (na sua última parte); e, ainda, LOMBARDI, Giuseppe, *Inventari di biblioteche romane del Quattrocento: un panorama*, in *Libri, lettore e biblioteche d'Italia*, 349-372.

⁸ CIAPPELLI, Giovanni, *Libri e letture a Firenze nel XV secolo. Le 'ricordanze' e la ricostruzione delle biblioteche private*, in revista *Rinascimento* n. 29, pp. 267-291; *Biblioteche e letture a Firenze nel Quattrocento. Alcune considerazioni*, in *Libri, lettore e biblioteche d'Italia*, 425-440.

⁹ BLUM, R., *La biblioteca della Badia fiorentina e i codici di Antonio Corbinelli*, Cidade do Vaticano 1955.

¹⁰ BARUCHCHSON, Sh., *Books and Readers. The Readers Interest of Italian Jews at the Close of the Renaissance* (tese redigida em hebraico), Ramat Gan 1993; e ROTHSCHILD, Jean-Pierre, *Les bibliothèques hébraïques médiévales et l'exemple des livres de Léon Sini (vers 1523)*, in *Libri, lettore e biblioteche dell'Italia*, 229-261, em particular in p. 242.

¹¹ HUMBERTCLAUDE, Pierre, S.M., *Investigações sobre um Catálogo de livros pertencentes à Procura do Japão*, em *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau* n. 442 (1941) 147-161. Agradecemos ao Pe. Manuel Teixeira (1912-2003), então director daquela publicação, o ternos cedido, e enviado daquele território então português, em Abril de 1992, um exemplar deste interessante inventário bibliográfico.

guida, estabelecendo um breve comentário sobre a mesma (produzindo em algumas notas infra-paginais a esses comentários, as suas reflexões heurísticas).

2- A biblioteca monástica agostiniana medieval e aspectos parcelares da metodologia preconizada por Le Goff para o estudo dos códices autógrafos e dos seus autores

Nessa pesquisa heurística não podíamos, por outro lado, de tomar em linha de conta o que saudosos Mestres, como Jacques Le Goff deixaram, como modelo de rigor, para a posteridade. Estamos a referirmo-nos ao seu trabalho *Les Intellectuels au Moyen Âge*¹², onde esse medievista privilegiou a apreciação e 18 autores desse período.

Tais autores por ele analisados, no amplo contexto europeu, foram, numa perspectiva cronológica das suas vidas: 1- Abelardo (1079-1142); 2- Bernard Silvestris (mort après 1159); 3- Roberto Grosseteste (c. 1170-1253); 4- Alberto Magno (c. 1200-1280); 5- Roger Bacon (1214-1294); 6- Bonaventura de Bagnoreggio (c. 1217-1274); 7- Tomás d'Aquino (1227-1274); 8- Raymond Lulle (1235-1315); 9- Siger de Brabante (1235-1281).

Jacques Le Goff abordou ainda outros autores do mesmo período tais sejam, 10- Mestre Eckart (c. 1260-1327 ?); 11- Dante (1265-1321); 12- Duns Escoto (c. 1270-1308); 13- Guilherme d'Ockham (c. 1288-1348). E ainda, por outro lado, 14- Wyclif (1330-1384); 15- Chaucer (c. 1340-1400); 16- João Gerson (1363-1429); 17- Nicolau de Cusa (1401-1464); e 18- Gabriel Biel (morto em 1495)¹³.

Esta série de autores e os valiosos testemunhos intelectuais que deixaram ao mundo medieval –a par de outros não especificamente referenciados nesse obra-padrão de Le Goff¹⁴– contribuíram, decisivamente, para alguns aspectos *fundadores* da Cultura europeia.

¹² LE GOFF, Jacques, *Les Intellectuels au Moyen Âge*, Éditions du Seuil, Paris 1957 (com reedição em 1985).

¹³ CADAFAZ DE MATOS, Manuel, *Portique*, in *Revista Portuguesa de História do Livro 19* (2006); *L'Europe et le Livre au Moyen Âge. Hommage au Prof. Jacques Le Goff*, CEHLE, Lisboa 2007, 61.

¹⁴ Em carta que dirigimos (a par de outra correspondência em vários períodos) ao medievista Jacques Le Goff, em 28 de Setembro de 2007, demos-lhe conhecimento que, a par dos referenciados autores, gostaríamos de ver também aí identificados e tratados, outras figuras de charneira da mesma época, que tanta influência exerceram no ocidente europeu, como Averrois e Avicena. Quanto a estes dois últimos, remetemos para a obra de DAVIDSON, H. A., *Alfarabi, Avicenna and Averroes on Intellect*, University Press, Oxford 1992; e explicitamente

3- A *Parva Libraria* de Santo Spirito e a variedade dos seus interesses temáticos

Quanto à *Parva Libraria* de Santo Spirito, que aqui nos vai interessar, ela tinha sido inventariada, naquele mosteiro em meados do século XV. Propômo-nos pois aqui –na sequência de um trabalho anteriormente desenvolvido sobre alguns códices autógrafos de Boccaccio que integraram esta biblioteca monástica¹⁵– proceder de um modo sistemático, quer à divulgação do inventário dessa mesma livraria, quer a uma tentativa de identificação/atribuição dos autores dos códices que D. Gutiérrez e A. Mazza (sobretudo este último que seguimos mais de perto) procuraram identificar há mais de meio século, entre 1962 e 1966.

Giovanni Ciappelli, na sua comunicação apresentada na aludida Mesa redonda romana de 1997, havia então deixado bem claro (a par de pertinentes considerações outras bibliotecas quatrocentistas de Florença) que

*Assai importanti fra le conventuali sono poi in primo luogo quella agostiniana di Santo Spirito, costituita nel 1375 dai 107 codici... a cui se ne aggiunsero altri 369 entro il 1450, nonché 101 ricevuti in dono da Guglielmo Becchi nella seconda metà del secolo*¹⁶.

Numa primeira análise essa biblioteca monástica da Ordem de Santo Agostinho de Florença não se encontra apenas *virada* para aspectos de natureza teológica. Ela revestia-se, com efeito, de uma pluralidade de interesses, compreendendo obras na área da Filosofia, da Cultura, da Filologia e da Ciência.

4- A Ordem de Santo Agostinho (sécs. XIII-XV) em Florença: das práticas espirituais e filosóficas à utilização do livro

Na História de Florença medieval e da sua região torna-se de somenos importância que o pai de Aleixo Falconieri (1200-1310), Bernardo Falco-

quanto ao último, Avicena, vejam-se os criteriosos estudos e edições (de matriz aristotélica), *Liber de Anima*; e *Liber de Philosophia Prima*, organizadas por S. van Riet, pelo Instituto Superior de Filosofia de Lovaina a Nova (a primeira em dois e a segunda em três volumes); bem como *Avicena, Metafisica*, na tradução de O. Lizzini, Bompiani, Milão 2002.

¹⁵ Remete-se para o nosso estudo *Giovanni Boccaccio (1313-1375) como leitor-escritor e a constituição da sua biblioteca pré-humanística: das etapas organizativas dos seus fundos bibliográficos à sua leitura de documentos referentes a Portugal*, em Livro 4 (2014).

¹⁶ CIAPPELLI, *Biblioteche e lettura*, 428.

nieri e pai de Giovanni Boccaccio (1313-1375), Boccaccio di Chelino, tenham, nas suas profissões – e a mais de um século de distância o segundo em relação ao primeiro, estado associados ao mundo da finança.

Quanto ao primeiro, Bernardo, fora um príncipe mercante florentino, tendo-se sobretudo distinguido como um dos líderes daquela república, num período em que, em Florença, duas famílias poderosas, os Guelfi e os Ghibelini, disputavam o poder. Este membro do clã Falconieri integrava o partido dominante dos Guelfi.

O segundo, Boccaccio di Chelino, por sua vez também viveu, tal como aquele, no mundo dos negócios bancários, antecedendo por seu lado, na vida da mesma cidade. O empório da família Pitti¹⁷. Tendo Chelino trocado a cidade natal de Certaldo por Florença, aí passou a integrar a comunidade dos homens de negócios e do mundo da finança. Já em 1327 trabalhava nessa cidade ao serviço empresa do Bardi¹⁸ – uma poderosa empresa bancária da época – e dali foi enviado para a sucursalar de Nápoles, levando com ele o jovem filho, Giovanni Boccaccio, que por essa altura principiava as suas actividades literárias e de edição (voltando alguns anos depois a Florença).

O estudo dessa biblioteca dos monges da Ordem de Santo Agostinho, em meados do século XV obriga, pois, a uma breve reflexão sobre os dois períodos complementares que correspondem à fixação e afirmação da referida congregação em terras transalpinas e, em particular, na região da Toscana.

Quanto à primeira fase, registre-se que, em 15 de Agosto de 1233, um conjunto de sete religiosos, Aleixo Falconieri e seis dos seus companheiros, de nomes Bonfilio Monaldi, Bonainto Manetti, Manetti del Antela, Amadio Amidei, Ugoccio Ugoccioni, Sostenio de Sosteni e Aleixo Falconieiri (todos eles, de 30 a 35 anos de idade, vieram, com excepção de Falconieri a ser sacerdotes), decidiram fundar uma comunidade monástica¹⁹, a Ordem

¹⁷ Falamos de Luca Pitti (1398-1472), que foi um respeitado banqueiro no período da República de Florença, presidida por Cosme de Médicis. Quando foi redigido o inventário da *Parva Libreria* monástica agostiniana fiorentina, ainda este banqueiro se encontrava no activo.

¹⁸ Entre as múltiplas actividades de cariz internacional dos Bardi naquela república de Florença, contava-se a administração das finanças da Casa de Anjou; e vários negócios em comunidades empresarias ligadas à gesta dos descobrimentos, como uma delegação em Sevilha dessa mesma empresa. Num nosso trabalho sobre os fundos bibliográficos de Giovanni Boccaccio na *Parva Libreria* de Santo Spirito, de Florença, na revista *Livro*, da Universidade de São Paulo, Brasil, 2014, abordamos uma tradução de Boccaccio de um códice proveniente dessa delegação de Sevilha, resultante de uma expedição luso-italiana às Ilhas Afortunadas = Canárias), no reinado de D. Afonso IV de Portugal.

¹⁹ Estes *Servidores de Maria* estiveram primeiramente instalados em Carmazia, tendo-se depois mudado para um terreno junto à serra de Senário, a cerca de duas léguas de Flo-

dos Servos de Maria ou Servitas, que se submeteu precisamente à regra da Ordem de Santo Agostinho.

Detendo-nos, agora, sobre a segunda fase dessa primeira implantação dos frades agostinianos em terras transalpinas, importa assinalar que uma década depois, mais precisamente em 1244, diversos eremitas vários conventos da Toscana manifestaram, junto do Papado, a sua vontade no sentido de serem apoiados como Ordem de Santo Agostinho (sendo considerada habitualmente a data dessa fundação em 1249). Em resposta a esse sentimento de tais religiosos, o Papa Alexandre IV acabou por vir a conceder, em 1256 uma nova dinâmica a essa Ordem²⁰, por via da bula *Licet Ecclesiae catholicae*, por via da conjugação dos interesses de várias congregações entretanto estabelecidas, tendo essa “grande união” ocorrido então no convento romano de Santa Maria del Popolo.

Neste contexto e ao longo de cerca de dois séculos –mais precisamente entre 1256 e 1450– a Ordem de Santo Agostinho tinha-se estruturado em algumas das mais importantes repúblicas e principados transalpinos. E uma das instituições que beneficiava, já em meados do século XV, de uma particular notoriedade, era precisamente o mosteiro de Santo Spirito, na cidade de Florença, onde decorria, no respectivo scriptorium, uma notória actividade cultural, quer em termos de produção caligráfica, quer no da irradiação dos conteúdos dos vários códices até então aí produzidos.

Os dados apurados permitem conjecturar (embora não mais do que isso) que, ao longo desses dois séculos, nesse *scriptorium* de Santo Spirito, da Ordem de Santo Agostinho de Florença, tenham sido produzidos, ou apenas *conservados*, os seguintes códices –adiante referenciados no inventário que se segue– como trabalhos histórico-literários dos seguintes autores: de Guil-

rença. Esta congregação, a pouco e pouco, foi perdendo os seus membros, até ao reconhecimento e à aprovação final dos seus estatutos, pela Santa Sé, no ano de 1304. Nesse ano –por ter beneficiado de uma grande longevidade– apenas Aleixo Falconieri, de todos os seus irmãos de fé, se encontrava vivo (vindo a falecer apenas em 1310, com 110 anos de idade). Ver, ainda, *Les sept fondateurs des Servites*, in ENGLEBERT, Omer, *La Fleur des Saints*, Albin Michel, Paris 1984, 64-65.

²⁰ Importa referenciarmos, neste contexto, a segunda fase, por assim dizer, da fixação em 1244 dos frades agostinhos em Itália (ocorrida duas décadas depois dos acontecimentos de 1223 a que acabemos de nos reportar, acontecimentos esses apoiados sempre pela Santa Sé). Neste outro período, com efeito, a nova Ordem abarcava 180 casas religiosas na Itália, Áustria, Alemanha, Suíça, Países Baixos, França, Espanha, Portugal, Hungria, Boémia e Inglaterra. A União de 1256, ao que registam os historiadores modernos desta Ordem, constituiu um passo importante na reforma da vida religiosa da Igreja. Com tal medida o Sumo Pontífice procurou, afinal, por fim a alguma confusão que era então originada pelo abundante (e até por vezes indisciplinado) número de pequenos grupos religiosos medievais.

laume d'Auxerre (séc. XII-XIII), códice identificado como VII-09; de Bartolomeu *de Pistoria* (sic, aliás, *de Pistoia*), identificado como VII-13; de Francesco Petrarca (1304-1374), códices identificados como V-02/04 e V-11; ou os de Giovanni Boccaccio (1313-1375), identificados como III-01; [III-03]; V-01; V-05/06; V-06; V-09/10; e V-12; para além de um códice de Leonardo Aretino, *Aretinus* (c. 1369-1444), identificado como III-04.

Possa ou não vir a provar-se que alguns destes referidos códices foram aí copiados ou caligrafados ao longo desse período de cerca de dois séculos, não subsistem hoje dúvidas de que, nesse mosteiro da Ordem de Santo Agostinho em Florença, decorreu uma activa actividade intelectual, de matriz religiosa mas também cultural e científica, ao longo desses mais de duzentos anos desde a fundação de tal congregação em Itália.

5- Aspectos gerais da organização da *Parva Libraria* agostiniana

Perante o aludido inventário quatrocentista importa estabelecer-se que os referidos códices autógrafos –algumas dezenas de anos antes da introdução da imprensa em Florença– se encontravam distribuídos em oito espaços ou secções confluentes. Entrando na linguagem e na mentalidade da época, a arrumação de todos eles encontrava-se então feita em oito *tabulae*, virtualmente em toscas estantes.

Organização geral da <i>Parva Libraria</i> de Santo Spirito			
<i>Tabulae</i> (arrumação)	Número de códices	conteúdos gerais	particularização de conteúdos de códices
I	13	Códices autógrafos de autores dos períodos Clássico e Medieval	
II	15		
III	15		códices autógrafos de Giovanni Boccaccio
IV	18		
V	12		alguns outros códices do mesmo pré-humanista
VI	10		
VII	13		
VIII	11		
	Total: 107		

É, pois, em conformidade com cada uma destas oito *tabulae* –ou secções de arrumação– que passamos a identificar cada um dos códices constantes do aludido inventário de 1450. De destacar que o aludido copista que produziu este códice com tais registros bibliográficos faz muitas vezes menção que a obra se encontra no seu estado integral, utilizando o termo *completus*.

I

[I–01] Epistola *beati Ieronimi presbiteri, completus*²¹

Obras de S. Jerónimo (c. 347-c. 420), presumivelmente os Comentários que redigiu para a *Vulgata*. Um dos seus trabalhos mais apreciados (já na época) eram, com efeito, os seus comentários aos Testamentos, os quais mais tarde foram integrados nos seus *Opera Omnia*²², que continuam a ser perspectivados como trabalhos de referência neste domínio da epistemologia bíblica²³.

[I–02] *Augustinus de Civitate Dei in pulc[h]errima littera, completus*

A obra *A Cidade de Deus*, de Santo Agostinho (354-430) fazia todo o sentido integrar esta colecção do presente mosteiro, de cuja Ordem era, aliás, o seu patrono. Tinha beneficiado entre os séculos IV e X de uma ampla difusão europeia –no seu todo textual, em parágrafos ou programas iconográficos alusivos– sendo um dos casos mais antigos hoje conhecidos o do esboço na margem de um *memoriae sacrum*, na Boémia, no século XII²⁴.

²¹ Sabendo-se que na grafia portuguesa este vocábulo poderia ter a grafia de *completus*, optou-se aqui, neste e nos casos seguintes, por *completus*, numa fidelidade ao grafismo que se encontra no códice original de 1450 (e na forma como foi transcrito por A. Mazza no seu referido estudo).

²² Terá sido a partir de um códice como este, com os escritos de S. Jerónimo, que séculos depois o humanista Erasmo de Roterdão veio a dar à estampa na oficina de Froben na cidade de Basileia, em 1516, sob o título *Divi Hieronymi opera omnia, cum argumentis et scholiis D. Erasmi*.

²³ Remetemos para a criteriosa edição do *Comentário Bíblico Jerónimo* (CBJ), Prentice Hall, 1968 e, mais recentemente para a edição numa versão em língua portuguesa, SÃO JERÓNIMO, *Novo Comentário Bíblico: Antigo Testamento*, ed. R. E. Brown-J. A. Fitzmeyer-R. E. Murphy, São Paulo 2007.

²⁴ KENNY, Anthony, *Medieval Philosophy: A New History of Western Philosophy*, II, University Press, Oxford 2005, edita no cap. 7, sobre questões inerentes à alma e à mente, este mesmo esboço de matriz agustiniana, chamando-se a atenção para a ilustração do primeiro plano em que se apresenta um jovem copista bastante distraído nos seus afazeres, por causa de um rato e das suas maldades.



Ilustração referente à *Cidade de Deus*, de Santo Agostinho
(Boémia, século XII)

[I-03] *Exameron beati Ambrosii*

Santo Ambrósio (c. 330-397). O autor que no século XVI veio a beneficiar dos exigentes cuidados editoriais de Erasmo²⁵, tinha nesta obra uma das suas coroas de glória (como é o caso de *Aeternae rerum conditor* e *Deus creator omnium*).

[I-04] *Dyalogorum beati Gregorii completus*

S. Gregório Magno (c. 540-604). Trata-se, neste caso, de um códice autógrafo pelo pré-humanista Giovanni Boccaccio, ainda hoje existente na mesma cidade de Florença²⁶.

[I-05] *Testus Polliticorum Aristotilis completus*

Aristóteles (384-322 a.C.). Contrariamente ao que alguns eruditos têm escrito ao longo das últimas décadas, na Idade Média, os textos do Estagirita não chegaram, na língua grega matricial, aos *scriptoria* de nações do ocidente europeu e de outras da orla do Mediterrâneo, provenientes directamente da Hélade. Eles vieram, importa reconhecê-lo através de uma tradição indirecta de copistas e tradutores de algumas das nações árabes mais próximas. E terá

²⁵ Remete-se para a edição (em quatro volumes) intitulada *Divi Ambrosii omnia opera [ex Erasmi Recognitione]*, na mesma oficina de Basileia, de 1527.

²⁶ *Florença, Biblioteca Medicea Laurenziana, Ashburnham 1897, ff. 37v-38r. As nossas notas infra-paginais, do presente estudo, antecedidas pelo * são influenciadas pelo texto de DE ROBERTIS, *L'inventario della parva libreria di Santo Spirito*, in *Boc.AC.*, 405-411.

sido seguramente a partir de uma dessas cópias em grego que algum religioso italiano ou francês traduziu para latim, como sucedeu com o texto apresentado na edição parisiense da oficina tipográfica de Simão de Colines, em 1526.



Frontispício da edição latina de Política, de Aristóteles
(Paris, oficina de Simão de Colines, 1526)

[I–06] *Liber Mitralis de officiis completus.*

Obra de Sicardo de Cremona (1155-1215), cujo título surge mais frequentemente referenciado, segundo A. Mazza, como *Mitrale seu de officiis ecclesiasticis*

[I–07] *Epistole Seneca ad Lucillum complete.*

Sêneca o novo, *L. Annaeus Seneca*²⁷ (morreu 65 d.C.)

[I–08] *Poetria novella completa.*

Identifica-se aqui, segundo Mazza, *Poetria nova*, de Goffredo de Vin-sauf ou Vino Salvo (sécs. XII-XIII).

[I–09] *Iohannis Damasceni et de gestis Salvatoris*

S. João Damasceno, intelectual de cultura grega (c. 650–dep. 749). Natural de Damasco, só muito tardiamente, quando contava cinquenta anos,

²⁷ Foi filho Lucius Annaeus Seneca (c. 50 a.C.–37 d.C.), tendo terminado os seus dias após condenação à morte, pelo imperador Tito, acusado de ter participado na conjura de Pisão. Ver ainda a referência a este caso numa nota à descrição de uma das obras desta mesma biblioteca do mosteiro de Santo Spirito, da autoria de Lucano.

abandonou a vida luxuosa e mundana que lhe fora propiciada naquela cidade por seu pai que aí desempenhara as funções de ministro das Finanças. Tornou-se então monge em Saint-Sabas, na Palestina. Em 1150 foi traduzido para latim a sua obra *De fide orthodoxa*, que deu a conhecer no ocidente europeu os trabalhos essenciais dos Padres orientais da Igreja.

II

[II-01] *De somno Scipionis, completus*

Macróbio, *Ambrosius Theodosius Macrobius*, natural da Hispania (c. 360–c. 425) e foi um intelectual que recebeu uma forte influência de Cícero (o qual, na parte final do seu tratado político, *De Republica*, já tinha tratado do mito de Cipião e do seu sonho alegórico)²⁸.

[II-02] *Terentius Culleus, comicus, completus*

Terêncio [Culeão], *Publius Terentius, Terentius Culleus* (c. 190 a.C.-dep. 160 a.C.), de que nestes fundos da biblioteca aqui analisada subsiste um códice autógrafo com aquele referido título²⁹.

Tal como o nome indica, trata-se do comediógrafo latino, de quem se conservaram seis obras que em iniciativas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, vieram a ser objecto de tradução em língua portuguesa por classicistas como Maria Helena da Rocha Pereira, Valter de Sousa Medeiros ou Aires Pereira do Couto. Foi o caso das comédias, entre outras, *Os dois irmãos*, *A moça que veio de Andros*, ou *O homem que se puniu a si mesmo*.

[II-03] *Ovidius completus*

Ovídio, *Publius Ovidius* (43 a.C.-17 d.C.).

Tudo parece indicar tratar-se de uma compilação da obra poética latina deste autor, incluindo *Metamorfoses* e *Arte Poética*. Quanto à primeira dessas obras, remete-se para a edição com a tradução latim-português por Paulo Farmhouse Alberto, Livros Cotovia, Lisboa 2007 (que preferimos à de Domingos Lucas, publicada pela Nova Vega, em 2006).

²⁸ Remete-se para a obra colectiva coordenada por SOARES PEREIRA, Virginia *O além, a ética e a política. Em torno do Sonho de Cipião* (Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho), Editorial Húmus, Vila Nova de Famalicão 2010. Existe hoje, no CEHLE, um exemplar do incunábulo de Macróbio, *De somno Scipionis*, que integrou a colecção do Centro de Estudos Humanísticos, de Lisboa (col^o. Prof. José V. de Pina Martins).

²⁹ * Firenze, Biblioteca Medicea Laurenziana, Pluteo 38.17 (Novati, *Recensione a Goldmann*, 424-425): autógrafo de Boccaccio; falta a assinatura de Santo Spirito; o *explicit*, no entanto, corresponde (n^o. 60).

[II-04] *Staius Thebaidos completus*³⁰

Estácio, *Publius Papinus Staius* (c. 40-96).

Este conhecido poeta latino –que também compôs a *Aquileida*– seguiu amplamente, naquela obra a *Eneida*, de Virgílio. Há casos em que reproduz “episódios inteiros”, tal sucedendo no episódio de Niso e Eurialo³¹.

[II-05] *Stactius [sic, porém Horatius] Flaccus completus*

Horácio, *Quintus Horatius Flaccus* (67 a.C.-8 a.C.).

Num número incomensurável de investigadores que se empenharam no estudo e na difusão de Horácio nos países do ocidente europeu, ao longo do século XX, contaram-se F. Plessis-P. Lejay (*Oeuvres d'Horace*, incluindo as Odes, Hachette); e no caso do mundo de língua portuguesa, registem-se os casos de Maria Helena Ureña Prieto (em relação ao Brasil), Maria Isabel Rebelo Gonçalves, José V. de Pina Martins e Justino Mendes de Almeida.

[II-06] *Iuvenalis satiricus completus*³²

Juvenal, *Decimus Iunius Iuvenalius* (c. 60-c. 130).

Considerado o último poeta satírico de Roma –e designado por Marcial como *facundus*, pela sua eloquência– dirigiu nas suas obras severos ataques à nobreza, aos militares ou aos intelectuais, bem como a todos aqueles que, de um ponto de vista de comportamento sexual, tinham acções que ele considerava devassas. Sendo sobretudo um moralista, veio a beneficiar de uma edição em versão portuguesa das suas *Sátiras*, na primeira metade do século XIX, por Francisco Martins Bastos.

[II-07] *Paulus Orosius et de origine gentis Longobardorum et gestibus eorundem, completus*

Paulo Orósio, *Paulus Orosius*³³ (c. 385/390-c. 420), sacerdote ibérico e discípulo de Santo Agostinho, de quem se conservam fontes autógrafas nesta *Parva Livraria* de Florença³⁴.

³⁰ * Biblioteca Apostolica Vaticana, Barb. lat. 74 (Punzi, *Libri del Boccaccio*): assinatura de Santo Spirito na f. 138v; o ms. não apresenta traços da mão de Boccaccio.

³¹ *DLL*: 374.

³² * Florença, Biblioteca Medicea Laurenziana, Pluteo 34.39 (Hecker, *Boccacciofunde*, 30-31): falta a assinatura de Santo Spirito; o *explicit*, porém, corresponde; *maniculae* da mão de Boccaccio (n.º 68).

³³ Autor também representado na secção III.

³⁴ * Florença, Biblioteca Riccardiana 627 (Casamassima in *Mostra del Boccaccio*, 133-134, a partir da base de uma nota de S. Morpurgo) + Londres, British Library, Harley 5383 (Pani, *Propriis manibus*) + * Firenze, Biblioteca Riccardiana 2795, ff. 70-76 (De Robertis,

No âmbito de uma vasta obra teológica³⁵ –que tanto nessa época, como nas que lhe sucederam, conheceu uma significativa difusão num contexto espiritual europeu (que tem motivado, ainda durante os últimos séculos, o surgimento de vários estudos³⁶)– este tratado, *De origine gentis Longobardorum* [*Historiarum adversus paganos: Liber apologeticus*]³⁷, tem levantado alguns problemas (face a uma conhecida obra editada cerca de três séculos depois por Paulo Diácono³⁸.



Historia Apologetica de Paulo Orósio
(Biblioteca Riccardiana, 627, fólio 28,
apud Teresa de Robertis, 2013)



Historia Apologetica, de Paulo Orósio
(Biblioteca do Estado da Baviera, Mu-
nique, *clm10292*, fólio 2v°. século XV)

Restauro): composto, na sua maior parte, pela mão de Boccaccio; assinatura de Santo Spirito na f. 76v do Ricc. 2795 (n.º. 62).

³⁵ *Pauli Orosii Historiarum Adversus Paganos Libri VII*, edição de Carolus Zangemeister, Leipzig 1889; ORÓSIO, *Histoire (contre les paiens)*, texto estabelecido por Marie-Pierre Arnaud-Lindet, Paris 1990; *História contra os pagãos*, versão portuguesa de José Cardoso, Braga 1986, com introdução de Lúcio Craveiro da Silva.

³⁶ VAZ DE CARVALHO, José, *Dependerá Santo Agostinho de Paulo Orósio?*, in *Revista Portuguesa de Filosofia* 11 (1955) 143-153; MARTINS, Diamantino, *Paulo Orósio - sentido universalista da sua vida e da sua obra*, in *Revista Portuguesa de Filosofia* 11 (1955) 375-384; CORSINI, Eugenio, *Introduzione alle Storie do Orosio*, Turim 1968; FABRINI, Fabrizio, *Paolo Orosio, Uno Storico*, Roma 1979; LACROIX, Benoit, *Orose et ses idées*, Paris 1965; MARTINS, Mário, *Correntes de Filosofia Religiosa em Braga (séculos IV-VII)*, Porto 1950; ou CRAVEIRO DA SILVA, Lúcio, *Paulo Orósio* in *História do Pensamento Filosófico Português*, dir. de Pedro Calafate, Editorial Caminho, Lisboa 1999, 117-129.

³⁷ Zangemeister, edição CSEL (1882), *Historiarum adversus paganos*, p. 603 (referenciada por A. Mazza).

³⁸ Adiante trataremos este tema (ver Secção III-11). Pode no entanto já adiantar-se que, segundo A. Mazza, P. Diácono não terá conhecido esta obra de P. Orósio.

[II-08] *Tulius de officiis completus, finis vero “finitur de senectute”*

Marco Túlio Cícero, *Marcus Tullius Cicero* (106-43 a.C.).

Trata-se, aqui, da obra *Dos Ofícios*, acompanhado do texto do tratado *Da Velhice*, ambos do Arpinate. Enquanto do segundo, Damião de Góis editou o respectivo texto latino em Veneza, em 1538, acompanhado da respectiva versão em língua portuguesa³⁹, do primeiro regista-se a edição crítica de *Livros dos Ofícios, o qual tornou em linguagem o Infante D. Pedro*, por Joseph Maria Piel⁴⁰.

[II-09] *Fulgentius m[i]teologiarum et [Pseudo-]Séneca de remediis infortuitorum completus*

Fulgêncio, *Fabius Planciades Fulgentius* (c. 467-c. 533) / e Pseudo-Séneca

Trata-se de uma obra de *Fabius Planciades Fulgentius* (também considerado *Fulgêncio o mitógrafo*, do qual pouco se sabe). As datas do seu nascimento e morte são pouco mais do que desconhecidas e têm sido objecto das mais variadas hipóteses por parte de especialistas. Alguns investigadores têm visto nesse presumível autor medieval, a figura do bispo Fulgêncio de Ruspe, que se destacou nas lutas contra os povos arianos (e que poderá ter vivido, como se regista acima, entre c. 467 e c. 533). Seja como for, tudo parece indicar que no caso deste códice, dando razão à hipótese estabelecida por Antonia Mazza⁴¹, se trata de *Les Mitologiarum libri*, uma obra dedicada a um sacerdote de Cartago, de nome Catus⁴².

[II-10] *Alanus de arte predicandi completus*

Alano, *Alanus* (Alain de Lille?) (1128-1202)

[II-11] *Timeus platonicus completus*

Platão (427–347 a.C.).

³⁹ DAMIAO DE GOIS, *Obras (1532-1538). Trabalhos de tradução e comentário*, I, ed. e notas M. Cadafaz de Matos, CEHLE, Lisboa 2002, 124-331.

⁴⁰ Esta edição ocorreu sob os auspícios da Universidade de Coimbra, em 1948, sendo modelar no seu trabalho filológico e no rigor heurístico aí apresentado.

⁴¹ MAZZA, *L'Inventario della 'Parva Libreria' di Santo Spirito*, 22-23.

⁴² Fulgêncio –que surge, no caso vertente, identificado como Pseudo Séneca– apresenta, aqui, uma discussão com a musa Calíope. Após um prefácio em forma de *prosimetrum*, este presumível autor medieval evoca no livro I os mitos respeitantes aos deuses olímpicos, apresentando por outro lado, nos livros II e III outros mitos sem uma ordem específica. Esta explicação mitográfica, com alguns laivos de estoicismo e de neo-platonismo, tem algum interesse patenteando já a utilização da Etimologia ao serviço de uma interpretação com um carácter de certo modo alegórico.

Tratando-se da bem conhecida obra, *Timeu*, hoje suficientemente estudada também em Portugal, remete-se para a sua edição (acompanhada do texto *Crítias*) por Rodolfo Lopes, no âmbito das publicações do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

[II-12] *Lucanus completus*⁴³

Lucano, *Marcus Annaeus Lucanus* (Córdoba, 39-Roma, 65)⁴⁴.

Do conhecido autor ibérico, natural de Córdoba (neto de Séneca o velho e sobrinho de Séneca o novo), a quem se ficou a dever o tratado *Bellum Civile* (*A Guerra Civil*), regularmente referenciada como *Farsalia*, uma epopeia em dez livros.

[II-13] *Perspectiva Magistri Vitelonis, completus*.

Está-se perante a conhecida obra *Perspectiva* (presumivelmente do Livro I), de Vitelo de Turíngia.

[II- 14] *Geometria Euclidis cum commento Capani et aritmetica Boetii, completus*

Euclides, grego (1^a. metade séc. III a.C.) / Johannes Campanus de Novara⁴⁵

Tratava-se, neste caso, segundo a voz autorizada de Antónia Mazza⁴⁶, de uma edição dos *Elementos* de Euclides com os textos e comentários de Campanus de Novara e a *Aritmética* de Boécio (c. 475/480 – 524).

Estamos perante uma obra, cujo original, da tradução italiana já contava, como vimos, com cerca de dois séculos. Giovanni Boccaccio, primeiramente, e mais tarde os religiosos do convento de Santo Spirito, havia(m) conseguido obter um códice com uma cópia de tal obra antes de 1450, vindo

⁴³ * Florença, Biblioteca Medicea Laurenziana, Pluteo 35.23 (Hecker, *Boccaccio Funde*, 31): anotações mínimas de Boccaccio; assinatura de Santo Spirito na f. 93v (n.º 69).

⁴⁴ A morte de Lucano acompanhou, no mesmo ano da vida em Roma, a de Séneca o Novo. Tácito, nos *Anais*, 15: 64, faz alusão ao facto de que anto Lucano, como Séneca o novo e Petrónio, entre outros, se suicidaram por ordem de Nero, acusados de terem participado na conjura de Pisão (ver ainda, neste âmbito dos livros da colecção de Boccaccio, a referência a Séneca o novo).

⁴⁵ Este cientista nasceu em Novara, c. 1220 e morreu em Viterbo em 1296. No ano de 1260 publicou uma tradução em latim dos *Elementa Geometriae*, de Euclides. Tal tradução foi feita com base numa tradução em árabe a partir do grego original (o mesmo sucedendo com a tradição de grande parte dos textos aristotélicos).

⁴⁶ MAZZA, *L'Inventario della 'Parva Libreria' di Santo Spirito*, 24-25.

o texto desse códice –porventura numa cópia paralela– a ser objecto de edição entre três e quatro décadas depois.



Frontispício da edição dos *Elements* de Euclides, na edição incunabular de 1482, com o texto fixado pelo cientista italiano Campanus de Novara

III

[III-01] *Dominus Iohannes Boccaccius* de analogia [*sic*, aliás, *Genealogia*] *cuius principium est* “Si satis ex relatis domini Parmensis”; *finis* “Cipro veniens”⁴⁷

Giovanni Boccaccio (1313-1375)

[III-02] *De insulis et earum proprietatibus completus et ligatus et co-
pertus corio albo, cuius principium est* “Cum pluries mecum revo...”

[III-03] *Boccolicum egloga et quedam epistula Dominici Silvestri, con-
pletus, cuius principium est* “Cum hora tenu[i]t tam longa”; *finis*, “quod ab
omnibus eius libertatem”

Giovanni Boccaccio

[III-04] *Plura opuscula Leonardi Bruni Aretini.*

Leonardo Aretino, *Aretinus*⁴⁸ (c. 1369-1444).

⁴⁷ * Florença, Biblioteca Medicea Laurenziana, Pluteo 52.9 (Hecker, *Boccaccio - Funde*, 95-96): autógrafo de Boccaccio; falta a assinatura de Santo Spirito; o *explicit*, porém, corresponde (n.º. 33).

⁴⁸ Leonardo Aretino, quando o autor do *Decameron* faleceu em 1375, tinha ainda (e apenas) cinco para seis anos de idade.

Sendo este inventário da *Parua libraria*, de 1 de Agosto de 1450, portanto no mínimo 75 anos *post mortem* de Boccaccio, é por demais evidente que o presente códice tenha sido escrito por um autor que o humanista de Certaldo não terá já podido conhecer pessoalmente, por razões óbvias, como se disse. O organizador do inventário desta livraria monástica de Florença, incluiu-o entre aqueles que considerou terem pertencido àquela colecção. Nesse códice continha-se, tudo parece apontar, o testemunho textual copiado de Políbio⁴⁹, texto esse posteriormente estudado por F. Hartog-D. Roussel⁵⁰.

[III-05] *Summa de elementalibus et animalibus, completa, cuius principium est* “Triplex est esse”; *finis* “docet dyaletica”

Aristóteles? (384-322 a.C.).

Tudo parece indicar que um dos textos contidos neste códice se tratava da *História dos Animais*⁵¹. Quando J. Tricot procedeu, no séc. XX, à histórica edição do *Organon*, considerou, na secção V, quer a aludida obra sobre os *Animais*, quer a *Parva Naturalia*

[III-06] *Dionisius de ecclesiasti[c]a et angelica gerarchia et mistica theologia, completus*

Considera-se, neste caso, a conhecida obra do Pseudo-Dionísio Areopagita⁵² (sécs. V-VI).

[III-07] *Scriptum Ade super librum ad causis Aristotelis, completus, cuius principium est* “Omnis causa prima”; *finis* “in unitate primi principii”

⁴⁹ Poderá tratar-se de um códice com a obra de Leonardo Bruni Aretino, *La prima guerra di carthaginiensi con Romani*, que em 1511, veio a ser impresso em Paris, na oficina Ascensiana, com edição concluída em Fevereiro desse ano (CCL/1501-1600, n.º 1804, I, p. 104); e, mais tarde veio a ser impressa em Veneza, na oficina de Gabriel Giolito de Ferrara, em 1545.

⁵⁰ POLÍBIO, *Histoire*, ed. François Hartog-Denis Roussel, Gallimard, Plêiade, Paris 1970; nova edição Gallimard-Quarto, 2003, em particular os Livros I (pp. 65-160); e II (pp. 161-244).

⁵¹ A edição de J. Tricot, Vrin, Paris 1933-1962, é bastante cuidada, fazendo-se acompanhar de eruditas anotações (existente no CEHLE).

⁵² Vejam-se, entre outras fontes sobre este autor medieval, o trabalho modelar de PEDRO HISPANO, *Exposição sobre os livros do Beato Dionísio Areopagita (Expositio librorum Beati Dionysii)*, ed. Pe. Manuel Alonso, Instituto de Alta Cultura, Lisboa 1957; e, ainda, o estudo de BRANDÃO, Bernardo Guadalupe S. L., *Mística e Paidéia: O Pseudo-Dionísio Areopagita*, in *Mirabilia* 4, Ricardo da Costa (coord.), Brasil, Junho-Dezembro de 2005, pp. 83 e sgts.

Tratando-se, a nosso ver, de uma obra espúria (e que na Idade Média, durante séculos, andou na respectiva autoria, associada a esse autor), considera-se hoje seguro sustentar que estamos, antes, perante uma obra do Pseudo-Aristóteles.

[III-08] *Brito de vocabulis rerum, completus, cuius principium est* “*Difficili studio*”; *finis* “*in Babillone ortus est*”

William Brito

Deste estudioso medieval é a obra *De Scriptoribus et vocabulis sanctorum librorum*⁵³, que conheceu então uma ampla difusão nos mais variados *scriptoria* europeus.

[III-09] *Tobbias versificatus completus et copertus corio viridi, cuius principium est* “*Ex agro virtutum*”

[III-10] *Cronica Eusebii Ieronimi cum superadditis et quedam Francisci Petrarce*

Eusebio Panfilio, de Cesareia, *Eusebius Panfilius Cesariensis* (c. 263–340) / e Petrarca (1304-1374).

Uma questão documental que inicialmente parecia um tanto obscura e “misteriosa”, foi resolvida satisfatoriamente por Billanovich. Dado que, como se sabe, Petrarca (contemporâneo de Boccaccio) foi um colector também de códices antigos, a ele se ficou a dever a descoberta de um códice hoje referenciado como “Eusébio-Jerónimo-Pseudo-Próspero”⁵⁴, tudo parecendo indicar que, neste caso, se trataria de uma cópia autógrafa do mesmo.

[III-11] *Istorie Pauli Dyaconi complete*

Sabendo-se que Paulo Diácono (c. 720–799) foi um dos mais destacados intelectuais ao serviço da escola carolíngia –perpetuando, também, o interesse de Carlos Magno (742-814) pelas questões históricas e culturais– não restam dúvidas que um dos seus trabalhos eruditos que mais perpetuou esse

⁵³ Veja-se, a este respeito, o guia *Medieval latin, an introduction and bibliographical guide*, editores F. A. C. Mantello e A. G. Rigg; com a contribuição, ainda, de R. James Long, 1996.

⁵⁴ Sobre este códice, o bibliógrafo António Mazza –um dos primeiros editores, como dissemos, do inventário que aqui estudamos– aponta um dos estudos fundamentais que conhecemos: BILLANOVICH, *Un nuovo esempio delle scoperte e delle letture del Petrarca*. “Eusébio-Jerónimo-Pseudo-Próspero”, Krefeld 1954 (*Schriften und Vortrage*, do Instituto de Petrarca, de Colónia), p. 64, n. 38.

seu esforço intelectual foi *Historia gentis Langobardorum* (*História dos Lombardos*). A bibliógrafo A. Mazza deixa entender que o título do texto que Orósio tinha publicado (ver [II-07]) *De origine...Langobardorum*, não tinha nada a ver, provavelmente, com o estabelecido nesta obra de P. Diácono (poderia, no entanto, tratar-se uma outra “compilação, anónima ou não”)⁵⁵.



Presumível retrato de Paulo Diácono, pré-humanista da escola carolíngia, num códice medieval

[III-12] *Ovidius de Ponto completus*⁵⁶.

Trata-se de mais um códice autógrafo referente a Ovídio⁵⁷, ou seja, *Publius Ovidius Naso*.

[III-13] *Orosius ad Augustinum, completus*

Paulo Orosio, *Paulus Orosius*, sacerdote ibérico (c. 385/390-c. 420).

Esta obra de Paulo Orósio deverá tratar-se de *Commonitorium de Priscilianistis et de Originis error*, que ele –como discípulo do Mestr– dedicou a Santo Agostinho. Sendo uma obra contra o Pelagianismo, nela é sustentada a posição que Orósio assumiu no Sínodo de Diospolis⁵⁸.

[III-14] *Liber Victorii Porchetti de Ianua ad iudaycam perfidiam, completus*, cuius principium est “In nomine Dei altissimi”; finis “et conplevit Deus”.

⁵⁵ MAZZA, *L'Inventario della 'Parva Libreria' di Santo Spirito*, 21; veja-se, de igual modo, *MGH*. sob a direcção de Waitz (*Scriptores rer. long. et italic. saec. VI-IX*).

⁵⁶ * Florença, Biblioteca Medicea Laurenziana, Pluteo; o ms. não parece ser da mão de Boccaccio

⁵⁷ Ver atrás o que afirmámos em relação ao códice [II-03].

⁵⁸ *DLL*: 230; e CRAVEIRO DA SILVA, Lúcio, *Introdução*, in *História contra os Pagãos*, de Paulo Orósio, com tradução de José Cardoso, Universidade do Minho, Braga 1986.

Victoria Porchetti.

Estamos perante a sua obra, *De Ianua ad Iudaycam perfidiam*, também referenciada como *Victoria Porcheti aduersus impios Hebr[a]eos in qua tum ex sacris literis, tum ex dictis Talmud, ac Caballistaru[m], et alioru[m] omniu[m] authoru[m], quos Hebr[a]ei recipiu[n]t, monstratur veritas catholic[a]e fidei*, que mais tarde veio a beneficiar de uma edição impressa, em Paris, em 1520⁵⁹.



Frontispício de uma das edições da obra de Victoria Porchetti

[III-15] *Priscianus minor completus, cuius principium est* “Quoniam in arte”; *finis* “multa super Priamo»

Prisciano de Cesareia (c. 470–presum. da 1^a. metade do séc. VI).

Priscianus Caesariensis foi um gramático que presumivelmente nasceu em Cesareia, hoje Cherchell, na Argélia, c. 470, então sob a dominação dos Vandalos. Acabou por se instalar em Constantinoplea onde manteve, depois de 525, uma bem conhecida escola latina. A sua obra intitulou-se *Institutiones grammaticae*⁶⁰ e integra, desde o Livro I aos começos do livro II, as questões

⁵⁹ Remete-se ainda, para além desta obra, para *A view of the Early Parisian Greek Press. Including the lives of the Stephani, notices of other contemporary Greek Printers of Paris*, s.d.

⁶⁰ Conhecem-se hoje, pelo menos, 61 manuscritos completos ou fragmentários dessa obra, produzidos 790 et 900. Quanto às cópias de depois do século X, elas atingem o número de várias centenas. Assinala-se, ainda, que a gramática era uma das disciplinas do trivium que, com o quadrivium, formava as artes liberais, a base do período medieval. Sobre este autor e a sua Gramática remetemos, ainda, para o trabalho de SILVA FORTES, Fábio da (UFRPE, Brasil), *As Institutiones grammaticae de Prisciano de Cesareia no pensamento metalinguístico greco-romano*”, in *Rev. El. Antig. Clás.* 5 (2010) 85-99.

do som, da letra e da sílaba; dos livros II ao XVI trata das partes do discurso; e nos Livros XVII e XVIII é abordada a ‘construção ou sintaxe’ o que constituía na época uma inovação. Esta *Gramática* de Prisciano esteve na base do designado por “renascimento carolíngio”, sob o impulso de Alcuíno. Um códice com esta obra chegou, c. de meados do século XIV, ate Florença, passando a integrar, assim, no mosteiro de Santo Spirito, a colecção da *Parva Livraria*.

IV

[IV-01] *Lactantii Firmiani divinarum institutionum, completus.*
Lactâncio (c. 240-c. 320),

[IV-02] *Tractatus spher[a]e materialis*⁶¹ et omnium continens, completus.
Andalò del Negro⁶² (1260-1334).

Este autor foi um astrónomo que nasceu em Génova em 1260 e veio a falecer em Nápoles, em 1334.

[IV-03] *Marcus Tullius Cicero, de finibus bonorum et malorum, completus.*

Marco Túlio Cícero, *Marcus Tullius Cicero* (séc. I a.C.)

[IV-04] *Commentum artis nove magistri Tullii Ciceronis, completus.*
Pseudo-Cicero

Trata-se de *Rethorica ad Herennium*⁶³ que como se sabe era então atribuída a Marco Túlio Cícero.

[IV-05] *Empithoma Iustini in Pompeio, completus.*
Justino, *Marcus Iunianus Justinus* (sécs. II ou III)

[IV-06] *Rectorica magistri Tullii Ciceronis ad Hermonium [sic]*⁶⁴, completus.
Pseudo-Cicero.

⁶¹* Florença, Biblioteca Medicea Laurenziana, Plutei 29.8 (Hecker, *Boccaccio-Funde*, 36-37) + 33.31, *Zibaldone Laurenziano* e *Miscellanea Latina*: autógrafo de Boccaccio; falta a assinatura de Santo Spirito; o *incipit* corresponde ao *Laur.* 29.8; falta-lhe um fólho no fim; o *explicit* não corresponde (n.º 56).

⁶² Veja-se MAZZA, *L'Inventario della 'Parva Libreria' di Santo Spirito*, 32.

⁶³ Ver, adiante, IV-06.

⁶⁴ Admitimos que se trata de um erro do copista do século XV, tendo lido *Hermonium*, em vez de *Herennium*.

[IV-07] *Marcus Tullius Cicero de offitiis*⁶⁵, *completus*.
Marcus Tullius Cicero (séc. I a.C.)

[IV-08] *Tractatus in astrologia plurium philosophorum, completus*.

Poderá tratar-se, segundo A. Mazza⁶⁶, de um tratado de Albumassar, traduzido do árabe em latim por Iohannes Hispaliensis, que veio mais tarde, em 1506, veio a ser editado em letra de forma na cidade de Veneza.

[IV-09] *Marci Tullii Ciceronis rectoricorum libri secundi*.
 Pseudo-Cicero.

[IV-10] *Ars vetus et nova Ciceronis et Timeus [ms. emitine] Platonis, completus, cuius principium est* “Sepe et multum”; *finis* “Ut quibusdam videtur vera oppinio”.

Pseudo-Cicero / Platão (séc. IV a.C.),

Esta *ars vetus et nova* mais não era, segundo António Mazza⁶⁷ –como já referimos⁶⁸– do que a *Rethorica ad Herennium* que, como se sabe, era então atribuída a Marco Túlio Cícero. Este códice integrava, nas suas duas partes autónomas, o texto dos dois referidos autores.

[IV-11] *De origine mortis humane, completus, cuius principium est* “Quomodo mors primo”; *finis* “alta corda Dey”.

Juliano de Toledo (642-690).

Este teólogo viveu no século VII e foi contemporâneo de Isidoro de Sevilha. Nasceu de pais judaicos na cidade ibérica com aquele nome, vindo a optar pelo Cristianismo. Tendo sido educado na escola catedralícia local, monge e, algum tempo depois, abade de Agali, veio a estudar junto de Santo Eugénio II. Acabou por vir a ser nomeado Arcebispo de Toledo, sendo o primeiro Bispo que teve a primazia de governar toda a Península ibérica, vindo mais tarde a ser canonizado.

O presente texto “corresponde substancialmente, segundo A. Mazza, ao do *Prognosticon de origine humane mortis*, editado in *Patrologia Latina*, XCVI, 461, daquele religioso peninsular, cujo capítulo I se intitula “Quomodo primum mors”.

⁶⁵ Num outro códice desta livraria, que se pode encontrar na secção II-08, já figurava esta mesma obra de Cícero, como já se viu, encontrando-se a mesma, também, na secção IV-12.

⁶⁶ MAZZA, *L'Inventario della 'Parva Libreria' di Santo Spirito*, 34.

⁶⁷ *Ibid.*, 35.

⁶⁸ Ver secção IV-04.

[IV-12] *Tulius de offitiis, completus cuius principium est* “Quamquam de Marci [ms. Marce] filii; *finis* “ut a Methadoro scriptum”.

Marcus Tullius Cicero (séc. I a.C.)

[IV-13] *Bo[e]tius [sic] de consolatione, completus, cuius principium est* “Carminem qui condam”; *finis* “quod eventurum Deus videt”.

Boécio, *Anicius Manlius Torquatus Severinus Boethius* (c. 475/80–524).

[IV-14] *Priscianus minor, completus, cuius principium est* “Quoniam in ante expositis”; *finis* “dignari te laude cupio”.

Prisciano, *Priscianus* (c. 470-presum 1^a. metade do séc. VI).

[IV-15] *Compendiloquium de vita et dictis illustrium philosophorum, completus.*

É um tratado, segundo A. Mazza, que se deve atribuir a Iohannes Wal-lensis, habitualmente referenciado então em terras transalpinas por Gio-vanni Gallensis⁶⁹.

[IV-16] *Ortographia Magistri Parisii de Altedo*⁷⁰, *completus.*

Tudo parece indicar trata-se de um autor de um certo relevo na medida em que, no período de transição da Idade Média para a Idade Moderna, poderá ter sido estudado em Paris, na Sorbonne⁷¹.

[IV-17] *Distinctiones poetarum, completus.*

[IV-18] *Alesander versificatus, completus.*

Pseudo-Aristóteles.

Poderá tratar-se de um texto com que se inicia o “Argumentum libri primi”, do *Alexandreis*, de Gautier de Châtillon⁷².

Este foi um poeta francês que também passou para a posteridade sob os nomes de Philippe Gautier de Châtillon, Gautier de Ronchin ou Gaultier de Lille e que viveu entre c. 1135 e 1201.

⁶⁹ MAZZA, *L'Inventario della 'Parva Libreria' di Santo Spirito*, 37.

⁷⁰ Remete-se para KRISTELLER, P. O., *Iter Italicum*, I, Londres-Leiden 1963, 172.

⁷¹ Apurámos de igual modo, acerca deste autor, que na Biblioteca imperial da Sorbonne –entre os códices latinos medievais ali existentes (ao que consta do respectivo inventário)- existia um deste autor, precisamente a *Ortographia*, catalogado sob o número 46674.

⁷² MAZZA, *L'Inventario della 'Parva Libreria' di Santo Spirito*, 38.

V

[V-01] *Iohannes Bocacii de analogia deorum gentilium, completus, cuius principium est* “Si satis ex relatis domini”; *finis* “mendacio inseram”.

Giovanni Boccaccio (1313-1375).

Trata-se, já se vê, da obra deste pré-humanista *Genealogia deorum*.

[V-02] *Franciscus Petrarca de remedii utriusque fortune, completus, cuius principium est* “Cum res fortunisque”; *finis* “amplius discant”.

Francesco Petrarca (1304-1374).

[V-03] *Bucculicorum carmen domini Francisci Petrarche, completus, et in eodem Tractatus in modum epistule contra ignaros, cuius principium libri* “Monice, tranquillo solus”⁷³; *finis* “ubi attingit altius”.

Francesco Petrarca (1304-1374).

[V-04] *Epistularum domini Francisci Petrarce, completus, cuius principium est* “Si mihi seva pium”; *finis* “decurt post tempora nasci”.

Francesco Petrarca (1304-1374).

[V-05] *De mulieribus claris*⁷⁴ *domini Iohannis Bocacii, completus, cuius principium est* “Pridie mulierum egregia”; *finis* “quibus invalidus”.

Giovanni Boccaccio (1313-1375).

[V-06] *Buculicorum domini Iohannis Bocacii, completus, cuius principium est* “Tinadre, non satius”; *finis* “Lilibeis vallibus edos”.

Giovanni Boccaccio (1313-1375).

[V-07] *Cornelio Tacito reperitur completus, cuius principium est* “Nam Valerium agiaticum”; *finis* “machina accessura erat”.

Tácito, *Publius? Cornelius Tacitus* (c. 55 - 117 ou 120).

⁷³ Na composição de Petrarca “Parhenias”, na abertura desse códice, podem ler-se estes versos: “Siluis: / Monice, tranquillo solus tibi conditus antro, / Et gregis et ruris potuisti spernere curas; / Ast ego dumosos colles siluasque pererro. / Infelix! Quis fata neget diuersa gemellis? / Vna fuit genitrix; at spes non una sepulcri! / Monicus: / Silui, quid quereris? Cunctorum uera laborum / Ipse tibi causa es. Quis te per deua cogit? / Quis uel inaccessum tanto sudore cacumen / Montis adire iubet, uel per deserta uagari / Muscososque situ scopulos fontesque sonantes? (...)”

⁷⁴ Ver, adiante, V-10.

[V-08] *Cosmografia Pomponii et plures stoicorum et alia multa, completus, cuius principium est “Orbis situm dicere”; finis “Ycarum Cretensen”.*

Pompónio Mela, *Pomponius Mela*, natural da Hispânia e parente de Séneca (séc. I d.C.).

Esta obra –pouco depois da morte de Boccaccio veio a ser objecto de eruditos comentários editoriais por parte de Joachim von Watt– vulgarmente referenciado como Vadianus (1484-1551) –vindo assim a ser publicada em Paris, em 1530⁷⁵– trata, no seu Livro II, entre outras matérias, da Itália, da Gália Narbonense, à Hispânia⁷⁶, ou das ilhas do Mediterrâneo. Por sua vez no Livro III trata por exemplo dos litoriais hispânicos, dos relevos orográficos da Gália, bem como da Germânia.



Frontispício da *Cosmographia*, de Pompónio Mela,
na edição parisiense de 1530

[V-09] *Iohannes Bocacius de casibus virorum illustrium, completus, cuius principium est “Exquirenti mihi”; finis “Ugonii comiti”.*

Giovanni Boccaccio.

⁷⁵ Desta edição houve um exemplar na biblioteca do Centro de Estudos Humanísticos, em Lisboa (co.º José V. de Pina Martins), que a descreveu sumariamente no catálogo bibliográfico *Europa e Cultura. Alguns livros fundadores da Cultura Europeia*, Lisboa 1998, n.º 37-1, 116-117.

⁷⁶ A respeito da Lusitânia romana de então, veja-se o estudo votado por MENDES DE ALMEIDA, Justino, como epigrafista, a este aspecto particular, *A Lusitânia em Pomponius Mela* (a propósito das edições ‘Teubner esteritipada’), que cremos ser de 1970.

[V-10] *De mulieribus claris domini⁷⁷ Iohannis Bocaci, completus, cuius principium est* “Pridie mulierum egregia”; *finis* “obsistere volumus desperantes”.
Giovanni Boccaccio.

[V-11] *De vita solitaria et inventiva contra medicum Francisci Petrarce, completus, cuius principium est* “Paucos homines”; *finis* “huius nostri”.
Francesco Petrarca (1304-1374).

[V-12] *Bucolicorum carmen domini Iohannis Bocaci⁷⁸, completus, cuius principium est* “Tindare non satius”; *finis* “nec spernere munus”.
Giovanni Boccaccio.

VI

[VI-01] *Salustius Crispus in bona littera⁷⁹, completus, cuius principium est* “qui se”; *finis* “admetuere ne”.
Salústio, *Gaius Sallustius Crispus* (86-34 a.C.).

[VI-02] *Apuleius de magia et asino aureo⁸⁰ et floridorum et de deo Socratis, cuius principium est* “Certus equidem eram”; *finis* “admisceo nullam”.
Apuleio, *Lucius Apuleius* (c. 125-180).

[VI-03] *Tito Livius Pactavius de gestis Romanorum ab Urbe condita libri X⁸¹, completus, cuius principium est* “Titus Livius inter ceteros”; *finis* “ducem feliciter”.
Tito Lívio, *Titus Livius* (59 a.C.-17 d.C.).

⁷⁷ Ver, atrás, V-05.

⁷⁸ *Florença, Biblioteca Riccardiana, 1232 (Hecker, *Boccaccio-Funde*, 43-44): autógrafo de Boccaccio; assinatura de Santo Spirito na f. I'v (n.º 41).

⁷⁹ *Florença, Biblioteca Riccardiana, 1230, f. 81v.; Biblioteca Medicea Laurenziana, Pluteo 36.32, f. 47v.; *Biblioteca Medicea Laurenziana, Pluteo 38.6, f. 178v.; Biblioteca Riccardiana, 489, f. 81v.; Biblioteca Riccardiana, 1232, f. 90v.; Biblioteca Riccardiana, 2795, f. 76v.

⁸⁰ *Florença, Biblioteca Medicea Laurenziana, Pluteo 54.32 (Hecker, *Boccaccio-Funde*, 34-35): autógrafo de Boccaccio; falta a assinatura de Santo Spirito, mas o *explicit* corresponde (n.º 61).

⁸¹ Sobre a circulação da obra de Tito Lívio, na Europa da Idade Média, remetemos para CADAFAZ DE MATOS, Manuel, e para o estudo (dedicado à medievista Prof. Claude Gauvard, da Sorbonne), *O instrumento do saber: o rolo-liber romano como construção de uma ponte pasado-futuro...*, in *Revista Portuguesa de História do Livro* 31-32 (2013) 365-426, mais especificamente in pp. 407-424.

[VI-04] *Svetonius Tranquillus de duodecim Cesaribus, completus, cuius principium est* “Annum agens Cesar”; *finis* “obitumque peregit”.
Suetónio, *Caius Suetonius Tranquillus*⁸² (c. 75-150).

[VI-05] *Claudianus in metris, cuius principium est* “Prebeo domitus phyton”.

Claudio, *Claudius Claudianus*⁸³, natural de Alexandria (c. 365-c. 408).

Tudo parece apontar tratar-se de um códice com obras poéticas deste autor. Assinale-se que a Claudiano (que dominava a língua grega ainda antes de chegar a Roma) se ficaram a dever –para além da que é considerada uma das suas obras maiores, *De Rapto Proserpinae*– alguns hinos de louvor, entre outros trabalhos poéticos, aos cônsules romanos Probínio e Olibro; e, ainda, o poema *Dea Roma* (a Deusa Roma).

[VI-06] *Seneca naturalium quaestionum, cuius principium est* “In re fugaci et mutabili”; *finis* “quod post”.

Sêneca o novo, *L. Annaeus Seneca* (morreu em 65 d.C.).

[VI-07] *Magistri Valerii Martialis ephygramaton*⁸⁴, *cuius principium est* “Barbara pyramidum sileant”; *finis* “tossica seva gerit”⁸⁵.

Marcial, *Marcus Valerius Martialis* (c. 360-c. 425).

[VI-08] *Aristotiles de naturis animalium, cuius principium est* “Nostri Yesu Christi”; *finis* “propter suam fragilitatem”.

Aristóteles (384-322 a.C.).

Segundo A. Mazza⁸⁶, em 1966, pode tratar-se, neste caso, do “início da versão do árabe do texto de Aristóteles, *De Naturis Animalium*, por Michele Scoto”.

⁸² Suétónio, como historiador latino (em continuação de uma obra de Varrão e antecedendo esforços similares quer de S. Jerónimo quer do próprio Boccaccio), escreveu, c. do ano de 110, um tratado sobre o tema *De Viribus Illustribus*, ou seja, *Vidas de homens ilustres*.

⁸³ *DLL*: 79-80.

⁸⁴ Milão, Biblioteca Ambrosiana, C 67 sup. (Petoletti, *Marziale autografo di Boccaccio*): um autógrafo de Boccaccio; falta a assinatura de Santo Spirito, mas o *explicit* corresponde (n.º 58).

⁸⁵ Na Universidade de Coimbra, no século XVI, o estudo das boas letras não dispensava, com efeito, a arte de Marcial. Este poeta veio, com efeito, a ser objecto de uma interessante edição, *Epigrammaton Selectiorum Libri*, Coimbra, na oficina de João da Barreira, 1569 (sucendendo-se uma outra edição em Lisboa, na oficina de Manuel de Lira, em 1585).

⁸⁶ MAZZA, *L'Inventario della 'Parva Libreria' di Santo Spirito*, 49.

[VI-09] *Crispus Salustius, cuius principium est* “Omnes homines”; *finis* “insidias tendit”.

Salústio, Gaius Sallustius Crispus⁸⁷ (86-34 a.C.).

[VI-10] *Quintus Curtius, de rebus Alexandri Macedonis, cuius principium est* “Inter hec Allexander”; *finis* “Antipatrum regium”.

Quinto Cúrsio, *Quintus Cursius Rufus* (séc. I d.C.?).

Da presente obra deste autor –que poderá ter vivido nos séculos I e II da conturbada vida romana entre os reinados de Augusto (até ao ano 14, como se sabe), de Septímio Severo (193-211) e Teodósio–, ou seja, a *História de Alexandre Magno*⁸⁸, em dez livros, chegaram até aos dias de hoje apenas os dois primeiros.

VII

[VII-01] *Quintilianus de institutione oratoria, incompletus.*

Quintiliano, *Marcus Fabius Quintilianus* (c. 35-c. 96) a)

[VII-02] *Licii Anney Florii* empitoma in Titulívio⁸⁹, *completus.*

Quintiliano, *Marcus Fabius Quintilianus* (c. 35-c. 96) / L. A. Flori.

Trata-se de *Epitome de gestis Romanorum*, segundo Tito Lívio (*Sumário das Guerras de Roma*).

[VII-03] *Summa magistri Anticlaudiani*⁹⁰.

Quintiliano, *Marcus Fabius Quintilianus* (c. 35-c. 96).

Creemos haver uma linha de afinidade entre o conteúdo desse códice e Alanus de Insulis: *Anticlaudianus... explicit liber Magistri Alani Anticlaudiani de Antirufino etc. Liber reverendissimi philosophi magistri Urbani de Galiano artium liberalium doctoris dignissimi fuit exemplar.*

⁸⁷ Das mais conhecidas obras desta autor romano, natural da região da Sabínia, continuam a ser *De Coniuratione Catilinae* e *De Bello Iugurthino*. A primeira delas beneficiou de uma primeira edição, por Emanuel Sueiro, em Antuérpia, em 1615.

⁸⁸ Remete-se para a edição *Ordo verborum cum commentariis*, Lisboa, na oficina de Mathias Viegas da Silva, 1742, onde (segundo *DLL*: 291-192) se apresentam “lugares selectos” dos escritos de Quinto Cúrsio e de Suetónio.

⁸⁹ Enquanto o Livro I (segundo *DLL*: 111) trata das guerras de Roma com povos estrangeiros; o Livro II aborda as guerras civis na capital do império.

⁹⁰ Na Cottonian Library, segundo o registo do inventário dos seus manuscritos, existiu uma fonte precisamente da *Summa magistri Anti-Claudiani*.

[VII-04] *Mercurius Trimegistu, completus, cuius principium est* “Asclepius iste pro sole”; *finis* “patrie mee”.

Mercurio Trimesgisto.

Trata-se neste caso do autor cujo nome latino é *Hermes Trismegistus*; (em grego Ἑρμῆς ὁ Τρισμέγιστος, “Hermes, o três vezes grande”), e, mais concretamente, da sua obra *Corpus Hermeticum*⁹¹, constituindo uma compilação de fontes diversas, que poderá datar do século I ao século III.

Estes pouco mais de quarenta livros, tomando por base alguns considerando já expostos por Clemente de Alexandria, subdividiam-se em seis grandes conjuntos. O primeiro abordava a educação dos sacerdotes; o segundo, a questão dos rituais no templo; um terceiro tratava de ásreas científicas como a Geologia, a Geografia, a Botânica e a Agricultura; o quarto, considerava a Astronomia, a Astrologia, a Matemática e Arquitetura; no penúltimo apresentavam-se quer alguns hinos de louvor às divindades bem como um guia de ação política para os monarcas, enquanto no último se apresentava um tratado de Medicina.

O presente tratado, como provámos num trabalho anterior, chegou a ter reflexos em algumas fontes que integraram a biblioteca de um culto monarca português medieval, o rei D. Duarte⁹², para além de alguns dos espíritos mais cultos do Renascimento italiano como Marsilio Ficino⁹³.

[VII-05] *Comedie Plauti, completus, cuius principium est* “In faciem versus”; *finis* “fateor datas” (VII-05).

Plauto (c. 240-c. 184 a.C.).

[VII-06] *De bello Gallico*⁹⁴;

⁹¹ Esta obra constituíu, segundo Eugenio Garin, uma assinalável fonte inspiradora do Neoplatonismo no período do Renascimento.

⁹² CADAFAZ DE MATOS, Manuel, *D. Duarte rei e filósofo, a sua livraria e os interesses de um humanismo pré-renascentista*, in *Revista Beira Alta Número Especial Comemorativo do VI Centenário do Nascimento de El-Rei Dom Duarte, 1391-1991* 50 (1991) 523-556.

⁹³ Ver sobretudo, acerca da importância da circulação de *Hermes Trimegisto* no Renascimento algumas edições como *Textes latins et vieux français relatifs aux Cyranides*, sobretudo, nas págs. 237-288, o *Liber Hermetis de quindecim stellis, quindecim lapidibus, quindecim herbis et quindecim imaginibus*, na edição de L. Delatte, Belles Lettres, Paris 1942; e FESTUGIÈRE, A. J., *Le révélation d'Hermes Trimegiste, I - L'astrologie et les sciences occultes*, com um apêndice sobre o hermetismo árabe, por L. Massignon, Éditions Gabalda, Paris 1944; ou, ainda GARIN, Eugénio, *O Zodíaco da vida, a polémica sobre a astrologia do século XIV ao século XVI*, Editorial Estampa, Lisboa 1987, 57-58.

⁹⁴ *Commentarii de Bello Gallico* (referentes aos acontecimentos ocorridos entre os anos 58 e 52), que com os *De Bello Civilli*, constituem, sem dúvida, a mais conhecida obra de Júlio César.

Iulius Celsus [sic, aliás, Júlio César, *Gaius Julius Caesar* (c. 100 a.C.-44 a.C.); *De bello civili*⁹⁵, *completus*, Svetonius Tranquillus (75-150), (VII-06).

[VII-07] *Commentarii de bello Gallico*⁹⁶.
Júlio César, *Gaius Julius Caesar*,
[e não *Iulius Celsus*, nem do seu tratado *De Arte Médica*⁹⁷, (séc. I d.C.)].

[VII-08] *Liber iures ad orientales, completus*.
Trata-se, segundo A. Mazza, de uma relaboração de *Decreto*, de Graziano⁹⁸.

[VII-09] *Suma Altisiodoriensis, completus, cuius principium est* “Sicut dicit Apostolus”; *finis* “sed equalem secundum proportione”⁹⁹.

Guillaume d’Auxerre¹⁰⁰ (1150-1231).

Trata-se, no presente caso, de uma obra deste autor francês, a *Summa Theologica*¹⁰¹.

⁹⁵ Suetónio, depois de destituído por Adriano do cargo romano que ocupou, em 121-122 dedicou-se à escrita como *schollasticus* (na expressão de Plínio o Jovem), vindo a sua obra mais conhecida a ser *De Vita Caesarum* (*A vida dos Doze Césares*). Aí se descrevem as acções governativas de Júlio César, Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio, Nero, Galba, Otão, Vitélio, Vespasiano, Tito e Domiciano (*DLL*: 323). Em Portugal *A Vida dos Doze Césares* foi publicada, na Editorial Presença, numa versão de João Gaspar Simões, em 1979. Depois desta saíu, nas Edições Sílabo, entre 2005 e 2007, a obra homónima, em três tomos, na versão (e com estudos introdutórios) de Victor Raquel (I); e de Adriaan de Man (II; III).

⁹⁶ Tudo parece indicar, portanto, que do *De bello Gallico*, de Júlio César, terá havido na *Parva Libraria* dois códices; ou, eventualmente, poderá ter ocorrido, ainda, um erro do aludido copista responsável pela transcrição deste inventário quatrocentista.

⁹⁷ Importa ter presente que este Celsus aqui referenciado não é aquele autor latino – autor do tratado *De Arte Médica*, de que só sobreviveram até aos dias de hoje oito livros – mas aquele outro cujo nome, segundo Teresa de Robertis, andou muitas vezes confundido, nos tempos medievais, como autor da obra do próprio César.

⁹⁸ MAZZA, *L’Inventario della ‘Parva Libraria’ di Santo Spirito*, 53.

⁹⁹ Esta fonte específica é referenciada por CONCINA, Danielle, *Theologia Christiana Dogmatico-Moralis*, XI (Liv I, ‘De Ext. Unc.’, toma, 1751). Remete-se ainda para a colectânea *Rerum Italicarum scriptores: raccolta degli storici italiani dal cinquecento al millecinquecento*.

¹⁰⁰ Guillaume d’Auxerre foi clérigo secular francês, diácono de Beauvais e mestre em Teologia. Ensinou na Universidade de Paris no período de transição do século XII para o séc. XIII. As suas funções naquela prestigiada universidade levaram-no ao desempenho de várias funções junto da Cúria romana. Veio a ser o procurador da bula *Parens scientiarum*, de 13 de Abril de 1231, enviada precisamente à Universidade de Paris; e, ainda, membro de uma comissão que esteve encarregada de examinar os livros de Aristóteles.

¹⁰¹ Agradecemos a identificação de tal códice da *Parva Libraria*, a Teresa de Robertis, que nos comunicou, por carta, este esclarecimento.

[VII-10] *Lectura ad super quatuor libris Sententiarum, completus, cuius principium est* “Ista est enim lex Adam”; *finis* “in mortale de potentia ab”. Pedro Lombardo, *Petrus Lombardus* (c. 1100-1160).

Deverá tratar-se, segundo propôs A. Mazza¹⁰², dos Comentários de Adamo Godham ou Wodham, às *Sentenças*, de Pedro Lombardo.

[VII-11] *Metamorsaes* [sic, aliás, *Metamorfoses*], *completus, cuius principium est* “In nova fert animus”; *finis* “equaverit annos”.

Ovídio, *Publius Ovidius Naso* (43 a.C.-17 d.C.).

[VII-12] [Liber] *Oddarum [H]Oratii*¹⁰³, *principium* “Mecenas”; *finis* “decentius etas”.

Horácio, *Quintus Horatius Flaccus* (67-8 a.C.).

[VII-13] *Tractatus quidam magistri Bartholomei de Pistorio medici De lingua ad Iohannem Brunetum, quem ipse Iohannes largitus [est] sua humanitate conventui*.

Bartolomeu *de Pistoria* (sic, aliás, *de Pistoia*), com oferta do códice por Iohannes Brunetus¹⁰⁴.

A descrição do presente *item* específico, neste inventário da *Parva Libraria*, é uma daquelas que, a nosso ver, levanta complexos problemas, mais na sua identificação do que quanto à *primeira posse*¹⁰⁵ desse códice. Sobre o facto de, em tal descrição, se apresentar o topónimo *Pistoria*, levantamos, aqui, algumas hipóteses. Será que a porventura mais viável, é tratar-se um erro do transcritor do inventário, nesta presente cópia? Tratar-se-ia neste caso –interrogamo-nos nós– de uma referência a uma eventual *proximidade* de tal *tábua* ou prateleira (onde se encontrava o pretenso códice), naquele mosteiro florentino, quanto a uma possível pintura da autoria Giovanni di Bartholomeo Cristiani, de Pistóia¹⁰⁶ (ou seja, de um artista da geração seguinte à contemporâneo de Boccaccio e que ele já não pôde conhecer em Florença¹⁰⁷)?

¹⁰² MAZZA, *L'Inventario della 'Parva Libraria' di Santo Spirito*, 53-54.

¹⁰³ * Florença, Biblioteca Medicea Laurenziana, Pluteo 34.5 (Hecker, *Boccaccio-Funde*, 29-30): falta a assinatura de Santo Spirito mas o *explicit* corresponde.

¹⁰⁴ Johannes Brunetus, *Gallus*, terá deixado também o seu nome associado a um códice medieval, contendo o *Canticus Cantorum versibus latini* (de que existe em França, na Biblioteca Colbertina, o *Codex 5346*, com produção original em data que desconhecemos).

¹⁰⁵ Quanto a essa primeira posse de tal fonte documental, estamos de acordo com o que nos comunicou Teresa de Robertis (por carta) que o doador do mesmo, à livraria de Santo Spirito, foi um tal Giovanni Brunetto.

¹⁰⁶ Confirmando-se esta hipótese, assinale-se que Giovanni di Bartholomeo Cristiani (Pistoia, antes de 1366-depois de 1398) pintou, entre outras telas conhecidas, uma titulada A



Uma das telas de Bartolomeu de Pistoia (ant. 1366-dep. de 1398)

VIII

[VIII-01] *Scriptum magistri Dionisii de Burgo super Valerio Maximo, completum, cuius principium est “Urbis Rome”; finis “posterioresque duces”* (VIII-01).

Valério Máximo, *Valerius Maximus* (começos do séc. I, no reinado de Tibério)

Dionísio de Burgo do Santo Sepulcro, que viveu no século XIV, foi um frade da Ordem de Santo Agostinho e um erudito classicista medieval, amigo e correspondente de Petrarca, com quem ele estabeleceu relações durante o período da sua estadia em Avinhão. Ele é considerado (também por A. Mazza¹⁰⁸) um dos mestres de Boccaccio. Foi a Dionísio de Burgo que Petrarca dirigiu, como é sabido, a epístola *Familiares IV-1*¹⁰⁹. Ante o pre-

Cruz ladeada pela Virgem e por Cristo no túmulo, na companhia dos santos João Baptista, Pedro, Mateus, Lucas, João Evangelista, Bartolomeu, Lourenço e outros santos, com alguns instrumentos da Paixão, com as medidas 18 x 23 / 45.8 x 58.4 cm. Este quadro, em Julho de 2009, foi sujeito a licitação num leilão da Christie's. Esse pintor foi ainda o autor de um políptico della *Madonna con Bambino e santi*, desmembrado, existente no Museu Hermitage de S. Petersburgo.

¹⁰⁷ Quando Boccaccio faleceu (em 1375 como se sabe) Giovanni di Bartholomeo Cristiani de Pistoia só teria ainda seis anos de idade. Por outro lado quando em Agosto de 1450, o autor deste inventário da *Parva Libreria* de Sancto Spirito compilou este inventário seu trabalho, o aludido autor dessa obra pictórica presumivelmente ali existente já conhecia (a título póstumo) uma significativa popularidade.

¹⁰⁸ MAZZA, *L'Inventario della 'Parva Libreria' di Santo Spirito*, 54-55.

¹⁰⁹ Nessa carta Petrarca descreveu a sua subida ao “Monte Ventoso”, na Provença francesa, com seu irmão Gerardo, nessa memorável jornada 26 de Abril de 1336 (contava Bocac-

sente autor, estamos perante um dos poucos casos explicitamente referenciados neste inventário bibliográfico de 1450, como fazendo parte da Ordem de Santo Agostinho.

[VIII-02] *Liber secundus Lucii Anei Senecae seu Tragedie*¹¹⁰, *cuius principium est* “Soror tonantis hoc enim solum mihi”; *finis* “umbras loc”.

Séneca o jovem, *Lucius Annaeus Seneca* (faleceu no ano 65).

Poderia tratar-se, na perspectiva de A. Mazza¹¹¹, da obra deste autor latino, *Hercules Furens* (*Hércules Furioso*), acompanhada de *Hercules Oetaeus* (*Hércules Eteu*).

[VIII-03] *Expositio fratris Nicholai Trauht super Tregediis Senece*¹¹², *cuius principium est* “Tria genera theologie”; *finis* “Quasi dicit miraris”.

[VIII-04] *Valerius Maximus, in bona littera, cuius principium est* “Urbis Rome esterarumque gentium”; *finis* “Alentibus nascuntur”.

Valério Máximo, *Valerius Maximus* (começos séc. I, reinado de Tibério).

[VIII-05] *Ovidius epistularum*¹¹³, *completus, cuius principium est* “Hanc tua Penelope”; *finis* “Et ad decora venit”.

Ovídio *Publius Ovidius Naso* (43 a.C.-17 d.C.).

Este códice de Ovídio contém, segundo A. Mazza, *Heroides*, para além de outras pequenas obras do mesmo autor¹¹⁴.

[VIII-06] *Quintilianus de causis, completus, cuius principium est* “Ex incendio domus adolescens”; *finis* “iam minas predico testor”.

cio então apenas 23 anos de idade). Eram de tal modo afáveis as relações entre Dionísio de Burgo do Santo Sepulcro e Petrarca que o primeiro chegou mesmo a oferecer ao poeta –conhecedor dos seus interesses na cultura clássica– de um exemplar contendo *As Confissões*, de Santo Agostinho.

¹¹⁰ * Florença, Biblioteca Riccardiana 527 (Hecker, *Boccaccio-Funde*, 35-36); falta a assinatura de Santo Spirito, mas o *explicit* corresponde; o ms. não apresenta traços da mão de Boccaccio.

¹¹¹ MAZZA, *L'Inventario della 'Parva Libreria' di Santo Spirito*, 55.

¹¹² Biblioteca Apostolica Vaticana, Vat. lat. 13003 (Palma, *Codice ritrovato*). Falta a assinatura de Santo Spirito, mas o *explicit* corresponde; o ms. não apresenta traços da mão de Boccaccio.

¹¹³ * Florença, Biblioteca Riccardiana, 489 (Hecker, *Boccaccio-Funde*, 33); notas da mão de Boccaccio; assinatura de Santo Spirito na fl. 81v (nº. 70).

¹¹⁴ MAZZA, *L'Inventario della 'Parva Libreria' di Santo Spirito*, 56.

Quintiliano, *Marcus Fabius Quintilianus* (c. 35-96).

Trata-se de um códice com a obra deste autor, *De causis corruptae eloquentiae* (*As causas da corrupção da eloquência*¹¹⁵), também identificado in *DLL*: 285.

[VIII-07] *Staius Thebaydos*¹¹⁶, *cuius principium est* “Fraternas acies”; *finis* “vade autem”.

Estácio, *Publius Papinus Staius*¹¹⁷ (c. 40-96).

Trata-se de um códice com a obra deste literato romano, *Tebaida*, de Estácio. Este trabalho clássico, em 12 livros, aborda as lutas travadas entre Etéocles e Polinices, “a cuja morte aliou o destino de Antígona e Creonte”. Foi considerado, por via deste poema, o fim da “maldição da família dos Labdácidas”, sendo enterrados os mortos e restabelecida a ordem na cidade de Tebas¹¹⁸. Entre os autores mais bem documentados sobre os interesses de Boccaccio na obra de Estácio conta-se hoje, sem dúvida, Arianna Punzi¹¹⁹.

[VIII-08] *Tractatus in astrologia*

Autor que se afigura (ants dados tão sumários) de difícil identificação.

[VIII-09] *Thebaydos*¹²⁰.

Tal como já referimos, de Estácio¹²¹.

[VIII-10] *Servius super Eneydos Vergilii, completus, cuius principium est* “Vergilius Mantuanus”; *finis* “alveis choeat alphe”.

Sérvio Honorato, *Servius Honoratus*¹²² (fins séc. IV),

/ coment. Virgílio, *Publius Vergilius Maro* (70-19 a.C.).

¹¹⁵ Na frequente bibliografia portuguesa de Quintiliano, remete-se em particular para SOARES BARBOSA, Jerónimo, *Instituições Oratórias*, Imprensa da Universidade, Coimbra 1788-1790. Em edição mais recente, desta feita francesa, veja-se, ainda, *Institution Oratoire* (Collection des Universités de France), ed. Jean Cousin, Les Belles Lettres, Paris 1976.

¹¹⁶ * Florença, Biblioteca Medicea Laurenziana, Pluteo 38.6 (Hecker, *Boccaccio-Funde*, 33-34): em parte da mão de Boccaccio; assinatura de Santo Spirito na fl. 178v (nº. 59).

¹¹⁷ Ver, adiante, VIII-09.

¹¹⁸ *DLL*: 97-99.

¹¹⁹ PUNZI, Arianna, *Boccaccio lettore di Stazio*, in *Testimoni del vero* (=Studi e testi italiani, 6), a cura di E. Russo, 2000, 131-145; *I libri del Boccaccio e un nuovo codice di Santo Spirito: il Barberiniano lat. 74*, in *Italia Medievale e Umanistica* 37 (1994) 193-203.

¹²⁰ * Florença, Biblioteca Riccardiana, 489 (Hecker, *Boccaccio-Funde*, 33-34).

¹²¹ Ver, atrás, VIII-07.

¹²² Mauro Sérvio Honorato, foi um gramático pagão de fins do séc. IV. O códice que legou à posteridade com os comentários *In tria Virgilii Opera Expositio*, acabaria por vir a ser

Estamos, neste caso, perante a *Eneida*¹²³ e uma das tipologias dos comentários –de sua autoria– à referida obra de Virgílio¹²⁴, com particulares subtilezas no domínio da Etimologia¹²⁵ clássica da época, como se pode aliás comprovar por belas edições quer venezianas¹²⁶ quer fiorentinas. Quanto à influência que a obra de Virgílio veio a ter em Giovanni Boccaccio, uma das vozes mais actualizadas hoje em Itália é, sem dúvida, a de Stefano Benedetti¹²⁷.

impresso por Bernardo Cennini, apenas cerca de um século depois da morte de Boccaccio, mais precisamente em Florença, em 1471.

¹²³ Remete-se, ainda, para a bela edição portuguesa Virgílio, *Commentarij in P. Virgilium Maronem nunc primo juxta ordinem verborum, postea tamen uberioribus notis locupletãdi... Complectens sex posteriores libros Aeneidos. Scribebat Doctor Gaspar Pinto Correa... - Ulisipone: ex officina, & sumptibus Antonii Craesbeeck a Mello, 1665.*

¹²⁴ Estes comentários de Servius Honoratus à obra-mestra de Virgílio chegaram até ao presente por via de duas distintas tradições manuscritas distintas. A primeira é usualmente referenciada como *Servius minor*. Trata-se de um comentário abreviado, atribuído a Sérvio. Um segundo grupo de manuscritos, cuja cópia se situa por volta dos sécs. X e XI –habitualmente referenciado como *Servius auctus* ou *Servius Danielinus*– apresenta, porém, o mesmo texto, só de forma mais ampla. Poder-se-ia identificar, ainda, um terceiro grupo de manuscritos, produzidos na maioria em terras transalpinas, onde se apresenta o texto central com escólios interpolados, que mostram como a *Virgílii Opera Expositio* era de uso contínuo.

¹²⁵ A crítica virgíliana consider hoje que Sérvio –cuja erudição veio a influenciar Varão– não se eleva acima das sutilezas rígidas e confusas do seu tempo. As suas etimologias violam todas as leis da Fonética e da Semântica modernas em favor de digressões criativas.

¹²⁶ Importa ter presente a descrição da edição pós-incunabular do *Horácio* aldino, de 1501 –que abre o catálogo da exposição bibliográfica, dirigida por José V. de Pina Martins em Maio de 1998 na Fundação Calouste Gulbenkian, *Europa e Cultura. Alguns Livros Fundadores da Cultura Europeia* (cat.º. já atrás objecto aqui de referência; neste caso por esse cimélio integrar então a Biblioteca de Estudos Humanísticos daquele ilustre Professor)– precisamente o *Virgílio* impresso em Veneza, por Aldo Manuzio, em 1501. Tratou-se, como acentuou aquele bibliófilo, “do segundo livro latino impresso por Aldo em caracteres itálicos e o terceiro em formato de *enchiridion* ou manual para poder alcançar uma difusão maior dos textos clássicos” (p. 33).

¹²⁷ Remete-se, entre outros estudos do autor, para BENEDETTI, Stefano, *Boccaccio, lettore di Orazio*, in *I testimoni del vero. Su alcuni libri in biblioteche d'autore*, dir. E. Russo, Bulzoni, Roma 2000, 107-129.



Uma das edições quinhentistas dos comentários de Servius Honoratus, a uma das obras de Virgílio, no caso vertente, uma passagem das *Geórgicas*. Nesta solução tipográfica encontrada o texto com os comentários de Servius é apresentado em redor do texto matricial virgiliano

[VIII–11] *Auxonius, completus, cuius principium est* “Phebe poteris numeris”; *finis* “Die fas non erat”.

Auxónio [sic = Ausonio], *Decimus Magnus Ausonius* (c. 310-393/394)

Importa assinalar que Boccaccio, no âmbito da sua produção literária, pretendeu copiar ele próprio, neste códice, parte dos textos de Ausónio. Hecker¹²⁸ teve ensejo de valorizar um testemunho sobre a passagem de um códice de Boccaccio com os textos de Ausónio, que passou para as colecções de Santo Spirito, nestes termos:

*sic autem invenio cum in aliis nonnullis, tum in libro Joannis Boccaccii manu perscripto, qui nunc in bibliotheca Sancti Spiritus florentina servatus*¹²⁹.

Hecker, inicialmente pagão, veio mais tarde a converter-se ao Cristianismo. Ele é considerado ter sido um dos mestres de São Paulino de Nola. Escreveu diversas composições epigramáticas quer em homenagem a alguns dos seus professores e colegas, como também em evocação dos 12 primeiros Césares. A sua composição *Canto Nupcial*, seguiu, em parte, os versos de Virgílio.

São estes, em suma, os cento e sete códice que, em Agosto de 1450, no mosteiro de Santo Spirito, pertencente à Ordem de Santo Agostinho, da ci-

¹²⁸ HECKER, *Boccaccio-Funde*, n.º. 42.

¹²⁹ MAZZA, *L'Inventario della 'Parva Libreria' di Santo Spirito*, 59.

dade de Florença, ainda ali se encontravam. Ao longo dos séculos, lamentavelmente, uma parte deste rico espólio bibliográfico viria, de forma inquestionável, a perder-se.

Da passagem, do *manuscrito* ao *impresso* (breves conclusões)

Face ao exposto, poderemos aqui traçar, ainda, algumas conclusões. A primeira vai no sentido de que os religiosos da Ordem de Santo Agostinho, na sua *abertura* espiritual, cultural e científica *ao mundo*, desde o período em que estruturaram ali (pata além dos aspectos de culto) a multiplicidade de acções no seio desta sua congregação, não se apresentam no essencial, neste elevado conjunto de códices, como *produtores de texto* específicos de texto mas, sobretudo, como *leitores*.

Um dos casos, porém, pode ser apresentado, na sua atipicidade, ante tal situação. Tal sucede com o códice da responsabilidade do agostiniano Frei Dionísio de Burgo do Santo Sepulcro, contemporâneo e amigo de Petrarca, na transcrição de um códice de Valério Máximo. Importa porém ser ainda prudente nas ilacções a tirar. De facto nada permite estabelecer, pela frase *Scriptum magistri Dionisii de Burgo*, que tal códice tenha sido redigido neste mosteiro fiorentino daquela sua Ordem.

Outro aspecto a reter diz respeito a factores decisivos que contribuíram –ante a perda da maioria destes códices autógrafos como já referimos– para a preservação de um tão reduzido número deles. Alguns dos quais, por sinal, constituem valiosos autógrafos do próprio Giovanni Boccaccio (que havia vivido, como se sabe, no século anterior à preparação deste inventário de Santo Spirito). Este autor, e importa relever o facto, acabaria por deixar nesta instituição monástica da cidade do Arno alguns dos seus *tesouros* caligráficos.

Não poderá esquecer-se, por outro lado –mesmo tendo este nosso trabalho (a partir de A. Mazza e D. Gutiérrez) sido iniciado numa fase anterior à realização da mostra que vamos referir– que os trabalhos, conjugados e confluentes, da equipa que em 2013 veio a estudar os códices do pré-humanista de Certaldo (e outros) e a realizar, com sucesso, a mostra *Boccaccio, Autore e Copista* e a editar o respectivo catálogo, tiveram um acção decisiva na forma final que, em sucessivas fases, veio a ter este nosso trabalho.

Ante o explicitado importa relevar, de igual modo, que o contexto cultural que sobressai desta colecção transdisciplinar de códices do mosteiro de Santo Spirito é, quer o da produção caligráfica de texto, quer o da leitura

monástica *por si*. Tal ocorre num período que antecedeu a introdução da Imprensa em repúblicas, reinos e principados transalpinos.

No caso de Florença, dispomos hoje, de um documento de inegável valia –revelado em 1992 pela investigadora Donatella Nebbiai dalla Guarda– constante do códice *Maglibechiano, X, 143*, conservado na Biblioteca Nazionale, de Florença, que faz uma clara alusão a esse período de charneira da passagem da fase de mansnuscrito à fase de impresso naquela cidade. Nesse documento faz-se alusão ao facto de que no dia 14 de 1476 (apenas duas décadas e meia depois do inventário aqui editado), no Convento Dominicano de S. Giacomo em Ripoli, naquela cidade, se encontrava já activa uma oficina de produção de livros. Funcionava aí, com efeito, uma tipografia, fundada pelos irmãos Domenico de Pistoia e Pietro da Salvatore de Pisa¹³⁰.

Estamos no caso do inventário bibliográfico estudado, afinal, perante o *establishment*, ainda, só de uma História da Leitura de carácter transversalizante, tão próprio de meios cultos italianos como de outros meios similares da Europa central à do ocidente. Esse porém antecede, em algumas décadas, a fase da reproduzibilidade (multiplicabilidade) dos textos pela técnica tipográfica.

Encontrando-se ainda activa em Portugal a Ordem de Santo Agostinho, por via de várias comunidades¹³¹, as práticas espirituais e culturais dos monges agostinianos quatrocentistas em Florença constituem, no âmbito das práticas de leitura e da utilização do livro (em códice) um exemplo a reter.

¹³⁰ NEBBIAI DALLA GUARDA, *I Documenti per la Storia delle Biblioteche Medievali*, 42.

¹³¹ Destacamos, desde meados da década de oitenta do séc. XX, as comunidades da Ordem de Santo Agostinho estabelecidas em Santa Iria de Azóia e em São Domingos de Rana, respectivamente nos concelhos de Loures e de Cascais nas proximidades de Lisboa.

DOCUMENTO ANEXO

(Sínteses cronológicas de autores representados na *Parva Livraria*, de Santo Spirito, Florença, em meados do séc. XV)

Séculos V-IV a.C.

Platão (427-347 a.C.), [II-11]; (IV-10) (Platão, Pseudo-Cícero).
Aristóteles (384-322 a.C.) [I-05] ; [III-05] ; [III-07]; Aristóteles (VI-08).

Século III a. C.

Euclides (1ª. metade séc. III a.C.), com textos fixados por Campanus de Novara, astrónomo, matemático e físico (c. 1220-1296); e Boécio (c. 475/480-524 [II-14].
Plauto (c. 240- c. 184 a.C.), (VII-05).

Século II a. C.

Terêncio, *Publius Terentius* (c. 190 a.C.-dep. de 160 a.C.), [II-02].

Século I a.C.-século I d.C.

Marco Túlio Cícero, *Marcus Tullius Cicero* (106-43 a.C.), [II-08]; (IV-03); (IV-04); (IV-07); (IV-10); (IV-12).
Pseudo-Cícero, (IV-06); (IV-09).
Júlio César, *Gaius Julius Caesar* (c. 100 a.C.-44 a.C.), (continuado por Suetónio, ver), (VII-06); (VII-07).
Salústio, *Gaius Sallustius Crispus* (86-34 a.C.), (VI-01); (VI-09).
Virgílio, *Publius Vergilius Maro* (70-19 a.C.), (VIII-10). Ver Sérvio Honorato (fins séc. IV).
Horácio, *Quintus Horatius Flaccus* (67 a.C.-8 a.C.), [II-05].
Tito Lívio, *Titus Livius* (59 a.C.-17 d.C.), (VI-03).
Ovídio, *Publius Ovidius* (43 a.C.-17 d.C.), [II-03]; [III-12]; [VII-11]; [VIII-05].

Século I

Valério Máximo, *Valerius Maximus* (começos do séc. I, no reinado de Tibério), [VIII-01]; [VIII-04].
Estácio, *Publius Papinus Statius* (c. 40-96), [II-04]; [VIII-07].
Quintiliano, *Marcus Fabius Quintilianus* (c. 35-c. 96), [VII-01]; (VIII-06).
Quinto Cúrsio, *Quintus Cursius Rufus* (séc. I d.C.?), [VI-10].

- Séneca o jovem (falec. no ano 65), [I-07]; [VI-06]; [VIII-02]; [VIII-03].
 Lucano, *Marcus Annaeus Lucanus*¹³⁴, natural de Córdoba (neto de Séneca o velho e sobrinho de Séneca o jovem) Córdoba, 39-Roma, 65), [II-12].
 Pompónio Mela, *Pomponius Mela*, natural da Hispânia e parente de Séneca (séc. I d.C.), [V-08].
 Sérvio Honorato, *Servius Honoratus* (fins séc. IV) (como comentador de Virgílio), [VIII-10].
 Macróbio, *Ambrosius Theodosius Macrobius*, natural da Hispania (c. 360-c. 425), [II-01].
 Paulo Orósio, *Paulus Orosius* (c. 385/390-c. 420), [II-07]; [III-13].
 Juliano de Toledo (642-690), [IV-11].

Séculos III-IV

- Mercurio Trimesgistro* (compilação feita entre o séc. I e o séc. III), [VII-04].
 Lactâncio (c. 240-c. 320), [IV-01].

Século IV

- Santo Ambrósio (c. 330-397), [I- 03].
 Eusebio Panfilio, de Cesareia, *Eusebius Panfilius Cesariensis* (c. 263-340), [III-10].
 Sérvio Honorato (como editor-comentador de Virgílio), [VIII-10].

Séculos IV-V

- Auxónio [sic =Ausonio], *Decimus Magnus Ausonius* (c. 310 -393/394), [VIII-11].
 S. Jerónimo (c. 347-c. 420), [I- 01].
 Santo Agostinho (354-430), [I-02].
 Marcial, *Marcus Valerius Martialis* (c. 360-c. 425), [VI-07].
 Claudiano, *Claudius Claudianus*¹³⁵, natural de Alexandria (c. 365-c. 408), [VI-05].

¹³⁴ A morte de Lucano acompanhou, no mesmo ano da vida em Roma, a de Séneca o Novo. Tácito, nos *Anais*, 15: 64, faz alusão ao facto de que tanto Lucano, como Séneca o novo e Petrónio, entre outros, se suicidaram por ordem de Nero, acusados de terem participado na conjura de Pisão (ver ainda, neste âmbito dos livros da coleção de Boccaccio, a referência a Séneca, o Novo).

¹³⁵ *DLL*: 79-80.

Séculos V-VI

Boécio, *Anicius Manlius Torquatus Severinus Boethius* (c. 475/80-524), [IV-13].
 Prisciano, *Priscianus* (c. 470–presum. 1^a. meta do séc. VI), [III-15]; [IV-14].
 Dionísio Areopagita¹³⁶ (sécs. V-VI), [III-06].
 Fulgêncio, *Fabius Planciades Fulgentius* (c. 467-c. 533) / e Pseudo-Séneca, [II-09].

Século VI

S. Gregório Magno, (c. 540- 604) [I-04].

Séculos VII-VIII

S. João Damasceno, grego (c. 650-dep. 749), [I-09].
 William Brito (período medieval, s./d.), [III-08].
 Victoria Porchetti (período medieval, s./d.), [III-14].

Século VIII

Paulo Diácono (c. 720-799), [III-11].

Séculos XII-XIII

Pedro Lombardo, *Petrus Lombardus* (c. 1100-1160), com os comentários de Wodham [VII-10].
 Alano, *Alanus* (Alain de Lille?) (1128-1202), [II-10]; [VII-03].
 Guillaume d’Auxerre (séc. XII-XIII, (VII-09)).
 Bartolomeu *de Pistoria* (sic, aliás, *de Pistoia*), em data presumiv., [VII-13].

Século XIV

Francesco Petrarca (1304-1374), [V-02]; [V-03]; [V-04]; [V-11].
 Giovanni Boccaccio (1313-1375), [III-01]; [III-03]; [V-01]; [V-05]; [V-06]; [V-09]; [V-10]; [V-12].

Séculos XIV-XV

Leonardo Aretino, *Aretinus* (c. 1369-1444), [III-04].

¹³⁶ Vejam-se, entre outras fontes sobre este autor medieval, o trabalho modelar de Pedro Hispano, *Exposição sobre os livros do Beato Dionísio Areopagita (Expositio librorum Beati Dionysii)*, numa edição cuidada do Pe. Manuel Alonso, Instituto de Alta Cultura, Lisboa 1957; e, ainda, o estudo de BRANDÃO, Bernardo Guadalupe S. L., in *Mirabilia* 4 (2005) 83 e sgts.